

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

MÔNICA SCHREINER

CARTAS PRIVADAS COMO FONTE DE DADOS PARA A
ANÁLISE DIACRÔNICA DO ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS

Porto Alegre

2023

MÔNICA SCHREINER

CARTAS PRIVADAS COMO FONTE DE DADOS PARA A
ANÁLISE DIACRÔNICA DO ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras (Tradutor Português e Alemão) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; áreas de concentração: Sociolinguística e Dialetoologia.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2023

MÔNICA SCHREINER

CARTAS PRIVADAS COMO FONTE DE DADOS PARA A
ANÁLISE DIACRÔNICA DO ALEMÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do curso de Bacharelado em Letras (Tradutor Português e Alemão) do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Letras; áreas de concentração: Sociolinguística e Dialectologia.

Porto Alegre, 8 de setembro de 2023

Resultado: Aprovada

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Me. Fernanda Von Mühlen

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Cléo V. Altenhofen, por ter me recebido de braços abertos como sua orientanda; por compartilhar seu vasto conhecimento, sempre de forma humana e respeitosa; pela paciência, confiança, motivação, dedicação e pela preocupação em oferecer uma orientação aberta e completa para uma formação ampla.

Ao macroprojeto ALMA e aos seus integrantes pelo trabalho realizado e pela disponibilização dos dados sobre os quais pude construir meu conhecimento. Em especial, agradeço ao ALMA-Histórico, pela coleta, organização e transliteração do acervo de cartas que serviu de base para este estudo.

Ao grupo de leitura do ALMA, coordenado pelo Prof. Cléo e integrado pelas minhas queridas colegas de orientação: Amanda, Ana Luiza, Cláudia e Fernanda.

Aos escreventes das cartas, às famílias que as armazenaram e disponibilizaram gentilmente para fins de pesquisa.

À UFRGS, aos professores do Instituto de Letras, aos funcionários, à BIBCSH e aos meus colegas de graduação e PPG, que infelizmente não posso nomear porque são muitos.

Ao Prof. Gerson Neumann e à doutoranda Fernanda Von Mühlen, por terem aceitado ser banca da defesa deste TCC.

À Taís, por mostrar que o impensável é possível e por me ajudar a encontrar soluções e oferecer amparo.

À Amanda, amiga e colega maravilhosa, pela parceria e apoio nessa trajetória conjunta.

À Lou, igualmente maravilhosa, minha dupla da graduação, amiga para a vida.

Ao Paulo, por tudo, sempre. Aqui, especificamente, por entender a importância dessa graduação para mim e pelo apoio incondicional para que eu pudesse concluí-la. Eternamente grata.

Aos meus pais, por compreenderem e aceitarem a minha escolha e por todo o apoio que me dão. Por terem me proporcionado um ambiente familiar bilíngue, repleto de variação e contatos linguísticos, *code-switching*, transferências e *language mixing*, que compõe grande parte do meu repertório linguístico.

Às minhas queridas irmãs, que cada uma a seu modo especial, contribuem para as minhas realizações.

Aos meus amados Otto & Theo, Leonardo & Nicolas, meu laboratório de plurilinguismo e aquisição mais querido do universo, tenho todos os dias *dezenta* coisas para agradecer, mas hoje, só peço desculpas pela ausência. *Ich liebe euch unendlich.*

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma monografia que examina a utilização de cartas privadas escritas no contexto da imigração alemã no Brasil como fonte de dados para análises linguísticas diacrônicas do alemão em contato com o português no Brasil. Tem como objetivo identificar, descrever e contextualizar as cartas privadas como fonte de dados para a pesquisa linguística e otimizar a análise desta fonte de dados específica. Inclui uma breve caracterização das cartas privadas, abordando sua dimensão diamésica, na relação entre oralidade e escrituralidade, assim como o papel dos contatos linguísticos e do acesso à escrita, considerando os elementos que caracterizam esse tipo de dado. O trabalho discute e analisa o tratamento das cartas privadas para fins de estudos diacrônicos, abordando problemas relacionados às fontes em si, à transliteração dos manuscritos e à identificação de informações sócio-históricas e geolinguísticas, assim como problemas relacionados à organização e análise do acervo de cartas. A análise inclui, além disso, um levantamento prévio, não exaustivo, de estudos que utilizam cartas privadas de imigrantes alemães e seus descendentes como fonte de pesquisa, tanto com foco histórico quanto linguístico. Por fim, é realizado um levantamento de possíveis variáveis linguísticas para estudos diacrônicos futuros do alemão e português em contato no Brasil.

Palavras-chave: Variação diacrônica. Variação diamésica. Língua de imigração alemã. Contatos linguísticos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. CARTAS PRIVADAS: BREVE CARACTERIZAÇÃO	9
1.1 Relações entre oralidade e escrituralidade.....	9
1.2 Papel dos contatos linguísticos e do acesso à escrita.....	13
1.3 Elementos presentes nas cartas privadas de contextos de imigração	15
2. ANÁLISE E TRATAMENTO PARA ESTUDOS DIACRÔNICOS	27
2.1 Problemas relacionados às fontes de dados.....	27
2.2 Problemas de transliteração: do manuscrito ao dado transliterado.....	28
2.3 Problemas de identificação de informações sócio-históricas e geolinguísticas.....	32
2.4 Questões relacionadas à organização e análise do acervo de cartas	34
3. CARTAS PRIVADAS COMO FONTE DE PESQUISA LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS DE ESTUDO.....	38
3.1 Cartas privadas como fonte de pesquisa histórica: fim em si e meio.....	38
3.2 Cartas privadas para fins de pesquisa linguística	41
3.2.1 Foco na forma: exigências no tratamento dos dados	42
3.2.2 Identificando variáveis para estudos diacrônicos do alemão e português em contato..	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso ocupa-se com as cartas privadas escritas no contexto da imigração alemã no Brasil, analisando suas potencialidades como fonte de pesquisa para estudos linguísticos diacrônicos do alemão em contato com o português no Brasil. A escolha da temática baseia-se na crescente atenção dada à história da língua alemã, tendo em vista que para o Brasil vieram variedades regionais do alemão que representam recortes sincrônicos do “estado da língua” de diferentes períodos, no eixo do tempo. Altenhofen (2019) identifica 14 variedades para os quais se constituíram comunidades no Brasil, muitas vezes em contato e com a presença da norma do *Hochdeutsch* local, que descreve como sendo uma “variedade onipresente”, porque aparece em grau maior ou menor no conjunto das áreas de imigração. Vale refletir, além disso, que a língua alemã trazida pelos imigrantes com essa diversidade já vai completar 200 anos em 1824-2024. São 200 anos de história de manutenção de uma língua de imigração em um país com outra língua oficial, muitas vezes visto como um país monolíngue em língua portuguesa, por diferentes segmentos da sociedade. Nesse cenário, surge uma série de questões que instigam a elaboração deste TCC, não necessariamente para encontrar respostas contundentes, mas sobretudo propiciar determinada “ordem no caos”, a fim de avançar a pesquisa com mais solidez ao nível do Mestrado:¹

- 1) Como a língua se manteve por tanto tempo?
- 2) Que fatores favoreceram e desfavoreceram sua manutenção?
- 3) Se se manteve, qual configuração coincide com a variedade trazida da matriz de origem?² Ou seja, o que a configuração linguística conserva da matriz de origem?
- 4) O que as variedades do alemão no Brasil permitem dizer sobre a história da língua alemã de modo geral?
- 5) Em suma, o que constitui a história da língua alemã no Brasil?

Pode-se dizer que existe um manancial incrível de dados para descrever esse caminho diacrônico da língua, seja no que se conserva ou resiste diante da influência do português e de outras línguas e variedades, seja no que se perde ou é substituído (*language shift* ou *variety*

¹ Paralelamente à conclusão da Graduação em Letras / Bacharelado Português-Alemão, a autora do TCC realiza Mestrado no PPG-Letras / UFRGS, na linha de pesquisa de Sociolinguística. Este trabalho de conclusão serve de base, nesse sentido, para a pesquisa na Dissertação, em que será ampliado o campo de visão dos dados disponibilizados por esse tipo de fonte escrita.

² A noção de *matriz de origem*, para designar a localidade ou região de origem dos imigrantes, no sentido amplo, é tomada de Altenhofen (2023, no prelo).

shift). Há ainda, entretanto, uma carência muito grande de estudos de natureza diacrônica desse alemão no Brasil.

Essa lacuna vem sendo preenchida em parte e ainda em fase inicial – devido às inúmeras tarefas de pesquisa – pelo macroprojeto ALMA, coordenado por Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre/UFRGS) e Harald Thun (Kiel, CAU). Este projeto tem se dedicado ao levantamento sistemático e criterioso de fontes de dados não apenas orais, visando a descrição da variação e mudança linguística por meio do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), mas também de dados escritos, que englobam de um lado fontes impressas (almanaques, jornais etc.) e, de outro lado, uma coleção de cartas privadas, que compõe o acervo ALMA Histórico. É precisamente a análise das cartas privadas, o foco de estudo deste TCC.

A pesquisa com esse tipo de dado implica uma série de aspectos a observar, de ordem metodológica, histórica e documental, visto que nem sempre é possível precisar a data exata ou ter acesso à versão original da carta, o que é essencial para o estudo linguístico. Acrescentam-se a esses aspectos problemas de ordem técnica, no que diz respeito à transliteração, haja vista que muitas cartas apresentam falhas no papel e uma escrita difícil de ser decifrada. Independente, contudo, de todos os problemas e dificuldades que se possa elencar na análise desse tipo de dado escrito, eles constituem uma das únicas fontes que podem jogar alguma luz sobre a língua falada dos possíveis escreventes, já que inexistem quaisquer gravações de fala do séc. XIX até a metade do séc. XX. O interesse especial nas cartas privadas justifica-se, nessa perspectiva, por justamente propiciar em maior grau lastros de fala em meio à escrita do texto. O fato de os escreventes dessas cartas possuírem via de regra conhecimento apenas parcial da norma escrita favoreceu, ao menos hipoteticamente, a entrada de marcas da oralidade.

Considerando esses problemas, é **objetivo** deste TCC identificar e contextualizar as cartas privadas como uma fonte de dados de pesquisa linguística e verificar como se pode otimizar sua análise. Além disso, o trabalho pretende ser um estudo prévio que serve de base para minha pesquisa de Mestrado, em que pretendo dedicar maior atenção à identificação e descrição de marcas de oralidade na escrita das cartas privadas. Espera-se, com isso, encontrar indícios sobre a variedade linguística efetivamente falada pelo escrevente no ponto / localidade de onde escreve, fornecendo desse modo subsídios para uma análise diacrônica da língua de imigração alemã no Brasil, no seu contato com o português.

Este TCC divide-se em três partes. No capítulo 1 é apresentada uma breve caracterização do gênero textual “carta privada”, descrevendo desde aspectos inerentes à dimensão diamésica, isto é, das marcas distintivas entre oralidade e escrituralidade, até o papel dos contatos linguísticos e as condições de acesso à escrita, bem como os elementos presentes nessa

modalidade de texto. Seguem-se, no capítulo 2, a análise e o tratamento das cartas privadas para fins de estudos diacrônicos, abordando problemas relacionados às fontes em si, à transliteração dos manuscritos e à identificação de informações sócio-históricas e geolinguísticas, assim como também questões relacionadas à organização e análise do acervo de cartas. Por fim, o capítulo 3 busca apresentar um levantamento preliminar de estudos que utilizam cartas privadas como fonte de pesquisa. Incluem-se aí estudos tanto com foco no conteúdo, em aspectos históricos, quanto estudos com enfoque linguístico. O TCC se encerra com possíveis variáveis linguísticas que podem ser analisadas em estudos diacrônicos futuros do alemão e português em contato no Brasil.

1. CARTAS PRIVADAS: BREVE CARACTERIZAÇÃO

Este capítulo tem por foco caracterizar o que constitui o objeto de estudo aqui, centrado nas cartas privadas como fonte de pesquisa linguística diacrônica. Na seção 1.1, são feitas considerações teóricas sobre a dimensão diamésica, traçando relações entre oralidade e escrituralidade; na seção 1.2, enfoca-se o papel que os contatos linguísticos e o acesso à escrita assumem na língua e mais especificamente na escrita; por fim, na seção 1.3, são elencados, exemplificados e comentados aspectos relevantes acerca dos elementos presentes nas cartas privadas, entre os quais se incluem a indicação de local, data, escrevente(s) e destinatário(s), língua de escrita da carta, formas de tratamento empregadas, formulações correntes muitas vezes retiradas de manuais de escrita desse gênero textual, motivações para a escrita, fórmulas de despedida, assinatura e autoria.

1.1 Relações entre oralidade e escrituralidade

Uma das dimensões de descrição da variação linguística é a diamésica, ou seja, aquela relacionada ao meio, tradicionalmente dividido entre fala e escrita. Ao analisarmos diferentes materiais de fala ou escrita é possível constatar que esta divisão não é tão clara e que não existem simplesmente dois polos. A tendência muitas vezes observada é considerar a língua escrita como sendo mais formal, e a língua falada mais informal. O senso comum associa a escrita, por exemplo, a livros e jornais, e a conversa informal à fala. Pensemos, porém, em um bilhete com um recado para uma pessoa muito próxima, ou no sermão de um padre durante a missa na igreja. Neste caso, o sermão oral é mais formal e o bilhete escrito mais informal.

Koch e Oesterreicher (1985; 2013): apresentam uma proposta de análise da dimensão diamésica como “transversal”, não redutível a essa “diferenciação diassistemática” entre fala e escrita. Os autores constroem sua ideia levando em consideração dois eixos independentes que se cruzam: um deles, composto pelas formas de expressão por meio dos códigos “gráfico” e “fônico”; o outro, para um contínuo que Koch e Oesterreicher estabelecem entre dois polos, que chamam de “imediatez” e “distância”. A “imediatez” engloba características mais vinculadas à oralidade, e a “distância” àquelas mais vinculadas à escrituralidade. São características que definem imediatez e distância, para Koch e Oesterreicher (1985; 2013):

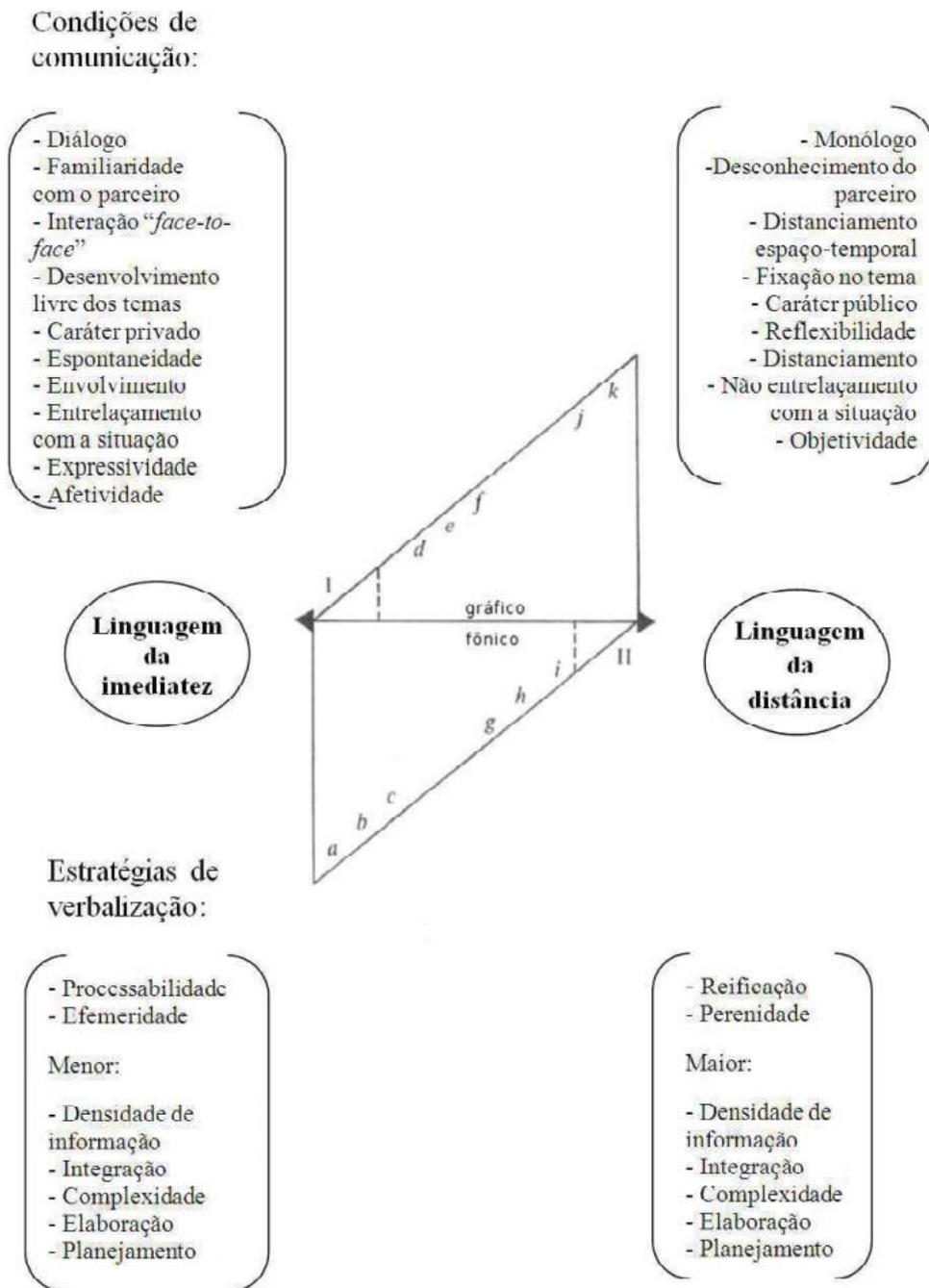
Imediatez (oralidade): diálogo, familiaridade com o parceiro, interação face a face, desenvolvimento livre dos temas, caráter privado, espontaneidade, envolvimento com a situação, expressividade, afetividade.

Distância (escrituralidade): monólogo, desconhecimento do parceiro, distanciamento espaço-temporal, fixação do tema, caráter público, reflexibilidade, distanciamento, não entrelaçamento com a situação, objetividade.

O esquema apresentado na página seguinte (Fig. 1), ilustra a posição das seguintes formas de expressão em relação aos eixos gráfico/fônico e imediatez/distância, incluindo o gênero “carta privada”:

- a) conversa casual entre amigos,
- b) conversação telefônica com um amigo,
- c) entrevista pública,
- d) entrevista publicada,
- e) depoimento em um diário pessoal,
- f) carta privada,**
- g) apresentação pessoal (em uma entrevista de emprego),
- h) sermão (religioso),
- i) conferência universitária,
- j) artigo científico,
- k) ato jurídico (peças processuais, leis)

Figura 1: Esquema de Koch e Oesterreicher (1985; 2013), para a distinção entre oralidade e escrituralidade

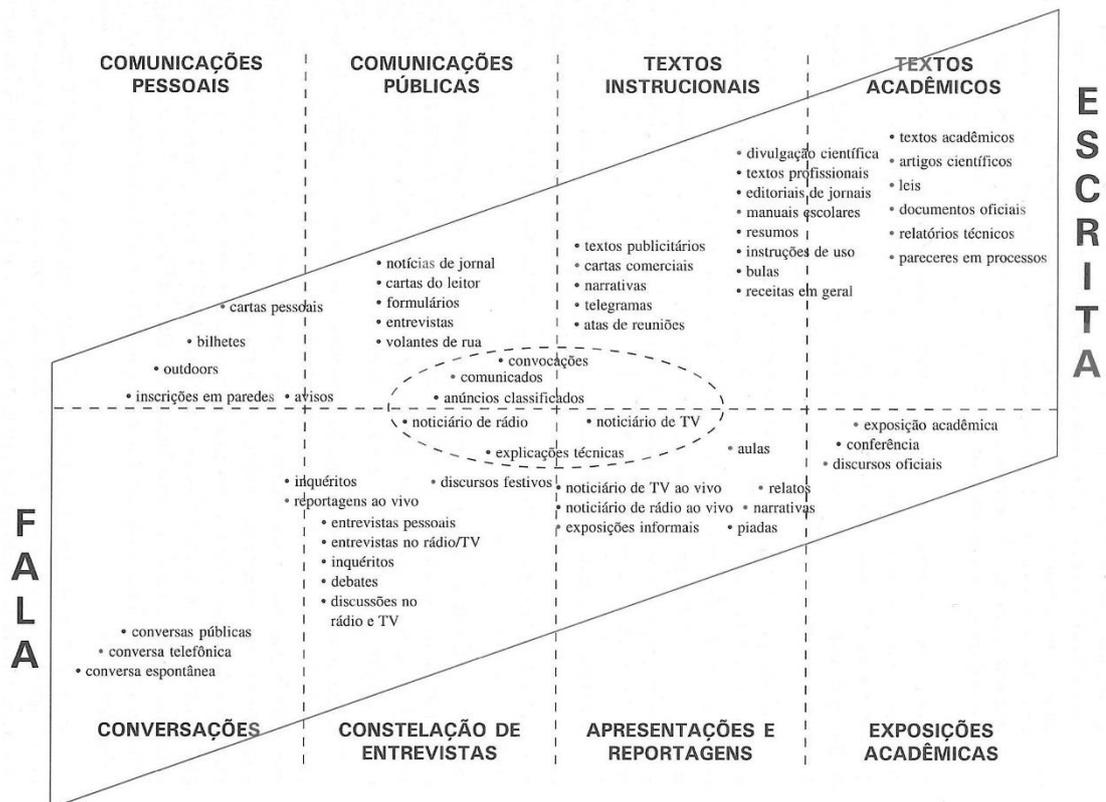


Fonte: Koch; Oesterreicher (2013, p. 162)

A carta privada, para Koch e Oesterreicher (idem), ocupa uma posição intermediária, no contínuo entre a linguagem da distância e da imediatez, que caracteriza a relação entre escrituralidade e oralidade.

Em um esquema semelhante ao de Koch e Oesterreicher, Marcuschi (2010) apresenta a sua esquematização para o contínuo entre fala e escrita, colocando as cartas pessoais no primeiro bloco de proximidade com a fala (ver a seguir).

Figura 2: Esquema de Marcuschi (2010), para a distinção entre fala e escrita



Fonte: Marcuschi (2010, p. 41)

No caso de uma pesquisa de variação linguística diacrônica, não temos acesso à fala de períodos mais distantes. Isso decorre, em grande parte, do fato de não haver registros de fala mais antigos, pois não havia tecnologias de gravação de áudio nos períodos iniciais da imigração. Procurando identificar as fontes que mais possam nos trazer elementos e marcas da oralidade, e desse modo reconhecer indícios sobre a língua falada, cabe aprofundar o que caracteriza especificamente as cartas pessoais ou privadas. O grau de comparabilidade entre cartas e falas gravadas será inferior à análise de dados coletados pelo mesmo método de coleta de dados, mas são as formas escritas que mais se aproximam do propósito da pesquisa, que tem por foco central a diacronia da língua alemã no Brasil.

1.2 Papel dos contatos linguísticos e do acesso à escrita

A partir do momento em que diferentes línguas ou variedades de línguas entram em contato, elas se influenciam mutuamente. Os imigrantes vieram com a variedade do alemão de sua matriz de origem, na Europa, muitas vezes acompanhada, mesmo que parcialmente, também da norma do *Hochdeutsch* local, mais próximo da norma escrita. Ao se estabelecerem no Brasil, entraram em contato com outras variedades do alemão, com as quais não tinham contato na área de origem, por virem de matrizes de origem distintas. Distantes geograficamente no espaço linguístico europeu, compartilharam no Brasil, ao contrário, o mesmo espaço geográfico, nas mesmas colônias ou em colônias próximas. Em solo brasileiro, entraram em contato também com as variedades do português (e, em maior ou menor grau com outras línguas como o espanhol, línguas indígenas e variedades afrodescendentes) (ver também 2.3).

No cenário dos contatos linguísticos intervaretais e interlinguais (Altenhofen, 2019), as diferentes variedades linguísticas trazidas pelos imigrantes acabaram assumindo diferentes formas de “entrelaçamento”, interferindo umas nas outras, produzindo fenômenos como transferências linguísticas, alternância de código, *code-mixing*, até a substituição ou perda da língua de imigração. Os resultados de contatos linguísticos podem ser observados, igualmente, na escrita de cartas privadas. Variáveis como por exemplo a escolha da língua, a ocorrência de alternância de código, o uso de palavras de outra língua, a grafia influenciada pela grafia da outra língua são indícios, ao mesmo tempo, de processos linguísticos em andamento na sociedade local de línguas e variedades em contato.

O acesso à escrita deu-se, em certa medida, conforme as condições do período histórico, através da escola e da leitura de materiais impressos ou manuscritos, que incluem além de cartas, também livros e textos de modo geral, da imprensa local. No contexto da imigração alemã, o acesso à escrita deu-se através da escola, da igreja, de livros, almanaques e jornais. Quanto maior o acesso à escola e à leitura, mais o uso escrito se aproximou da norma escrita padrão. Quanto menor contudo esse contato, tanto maior a proximidade, mesmo na escrita, de uma escrita fonética pautada na oralidade. A escola e a imprensa em língua alemã contribuíram, nesse sentido, para manter significativamente a língua e a sua proximidade, ao menos como ideal de fala e escrita, com o alemão standard.

A ortografia é a grafia estabelecida por uma norma, enquanto a grafia abrange todas as formas possíveis de escrita de uma palavra (cf. Dürscheid, 2016). Exemplificando, embora <hoje>, <oje>, <oge> sejam **grafias** possíveis, a única **ortografia** aceita como norma usual é <hoje>. Não é objetivo aqui entrar no mérito da questão histórica da formação e etimologia das

palavras, mas pensar no usuário comum sem um maior envolvimento com a história da língua. Essa ortografia é ensinada/aprendida na escola ou através do acesso à leitura (tomando por base textos com escrita ortográfica).

“Desde o início de sua história no Brasil, os imigrantes alemães e seus descendentes tiveram uma grande preocupação em construir instituições de educação como igrejas, escolas e também em instaurar uma imprensa em sua língua. Essas instituições tiveram um papel muito importante na difusão da escrita do alemão standard.” (Altenhofen; Morello et al., 2018, p. 176)

Conforme Dreher (2008; 2014a), para traçar um histórico do acesso à escola por parte dos imigrantes alemães, tem-se como ponto de partida a política de obrigatoriedade escolar implementada pela Prússia, já desde o século XVIII, antes do início da emigração para o Brasil (*preussische Schulpflicht*). Nas colônias, nem toda picada tinha um professor dentre os habitantes, fazendo com que imigrantes de outra formação profissional assumissem a função de professor. Não raro, professores migravam entre as picadas, permanecendo por curtos períodos em cada uma delas, para atender um maior número de crianças, porém oferecendo um ensino por períodos irregulares não contínuos. Havia, por outro lado, também casos em que um membro da família, normalmente mais velho, assumia a alfabetização das crianças. A situação foi bem variada entre as colônias. Há registros de escolas – neste caso, fundadas pelos imigrantes – já a partir de 1826 (dois anos após a chegada dos primeiros imigrantes), em São Leopoldo. Nessas escolas, o ensino se dava em alemão. A partir da metade do século XIX, ainda segundo Dreher (2008; 2014a), registra-se um aumento significativo no número de escolas, das quais muitas eram vinculadas às comunidades católicas ou protestantes.

No que diz respeito à imprensa, Gertz (2004) destaca como principais tipos de publicação impressa no contexto da imigração alemã no Brasil os almanaques (al. *Kalender*, em edição anual), as revistas (periodicidade mensal ou de alguns meses) e os jornais (diários, semanais ou quinzenais). Conforme Kersting (2004) e Gertz (2004) a imprensa em língua alemã no Rio Grande do Sul é significativa a partir da segunda metade do século XIX. Ainda seria necessário realizar “um levantamento sobre a importância numérica das edições dos jornais, para poder estabelecer-se um tipo de ‘consumo *per capita*’”(Gertz, 2004, p. 111), o que está diretamente relacionado com o aspecto do acesso à escrita por parte da população que aqui nos interessa.

Em suma, o que escola e imprensa colocam para a questão da presença da língua escrita do alemão, é que já desde cedo há um acesso mesmo que restrito, sobretudo a partir da metade do séc. XIX até o período da Segunda Guerra Mundial, na metade do séc. XX, quando a

nacionalização do ensino e a proibição do uso do alemão, em público, rompeu com esse processo. O contato linguístico que, antes, se dava de forma intensa tanto na escrita quanto na oralidade foi paulatinamente se restringindo, cada vez mais, à oralidade. É o que acentua Altenhofen (2016), quando descreve as condições em que o alemão foi substituído como língua-teto (*Dachsprachenwechsel*), esse o primeiro passo: a substituição da função escrita, restando o uso da língua na oralidade. Com o estudo das cartas privadas é possível, nesse sentido, jogar luz sobre essa substituição, apontando com mais clareza o ritmo em que se deu, por onde iniciou (em termos de regionalidades e gerações de falantes), enfim, até quando se mantiveram os últimos redutos de uso escrito (eixo da diacronia).

1.3 Elementos presentes nas cartas privadas de contextos de imigração

Há um conjunto de elementos que podemos identificar em praticamente todas as cartas, e que fornecem informações relevantes para o pesquisador. Não há uma norma rígida para a escrita de cartas pessoais, mas elas costumam seguir um formato padronizado, que nos fornece elementos informativos tais como: local, data, destinatário, língua de escrita, formas de tratamento, fórmulas prévias para introduzir a carta, motivações de escrita, fórmulas de despedida, assinatura e autoria. As cartas mais antigas e aquelas destinadas a destinatários menos íntimos tendem a ser mais formais e a seguir padrões mais rígidos, enquanto as cartas menos antigas e destinadas a pessoas mais íntimas tendem a ser mais informais. Segue uma análise desses elementos constitutivos, acompanhados de comentários e exemplos retirados de cartas publicadas em Altenhofen; Steffen; Thun (2018). Marcações em negrito foram feitas por mim, com fins de destacar o elemento em questão.

a) Local e data/ano

A identificação do local onde o escrevente se encontra, assim como a data/ano, aparecem via de regra explicitadas bem ao início da carta, conforme nos exemplos a seguir:

Von der Colonie Sanct Leopoldo, ohnweit der
Stadt Porto Alegre, in der Provinz Rio
Grande do sul, im Kaisertum Brasilien
geschrieben den ersten Januar 1832.
(carta de 1832, p. 81)

Deutsche Collonie, in dem District,
Lombe grande den 1sten Oct. 1841
(carta de 1841, p. 89)

Em relação à data em que a carta foi escrita, fica evidente que constitui uma informação essencial para um estudo da variação (recorte sincrônico) e mudança diacrônica da língua. Embora a indicação do ano seja imprescindível, não se pode menosprezar o dia e mês em que a carta foi escrita, uma vez que podem trazer indícios sobre a rotina e as práticas sociais dos falantes.

Embora, no séc. XX, os períodos de maior produção de cartas oscilem entre a primeira e segunda metade do ano, é sintomático que no séc. XIX se concentrem majoritariamente no período de janeiro a junho, portanto não no período de plantação, na primavera (especialmente, setembro a novembro). Evidentemente, há outros fatores a considerar, nas condições de produção das cartas, no âmbito privado, e que incluem sobretudo datas comemorativas e eventos como o Natal, a Páscoa, ou determinado *Kerb*. (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 28)

É curioso observar, nesse sentido, a escrita de cartas em datas próximas a festividades, como Natal e Ano Novo, ou *Kerb*, ou ainda em correlação com o período de plantio e colheita na lavoura. Seguem alguns exemplos relacionados a festividades:

Estrella 28-12-1925

Liebe Schwester Elvira!

Wir haben Deinen Brief erhalten und uns sehr gefreut wieder mal etwas von Dir zu hören, uns geht es noch alle gut. Die **Weihnachten** sind herum es war alles so trocken als Sonntags auch, nur am zweiten Weihnachts tag hats hier abends Kristbaum fest gegeben es war aber auch nichts besonderes es hat ein Cristbaum im mitten Saal gestanden und die kleinen Mädchen u. die kleinen Jungens u. die grossen Jungens haben geturnt und nachdem hat der Pelznickel Geschenke ausgeteilt die Mädchen haben jedes für die Jungens ein Geschenkchen

von 1,000 gekauft und die Jungens für die Mädchen (anonimo)

(carta de 18/12/1925/1922, p. 248)

Carasinho 27/12/1942!

Prezado irmão Edgar!

Venho por meio desta participar-vós que nós passa=
mos os dias de **natal** bem, cada um ganhou um
presentinho,

[...]

Muitas lembranças da vovó

ella está esperando um **Christkindchen**, de ti tambem, para não
não esquecerem della.

(carta de 27/12/1924, p. 287 e p. 289)

Estação Pulador 4-4 – 1920

[...]

Fast habe ich es vergessen Euch fröhliche **Ostern** zu wünschen

Es war die **Ostern** sicher sher schön gewesen dort?????

Ich habe sher Zahnschmerzen gehabt auf ostern... war garnicht

froh gewesen. **Osterhas** hat mier nichts gebracht warum weis ich

nicht...!
(carta de 04/04/1920, p. 220)

São José da Gloria 24-4-24
[...]
[...] Alma ich muß
Schluss machen den nemes (?) gibt es hier nicht. aber auf **Ostern**
war ball gewesen
es ist weit von hier weißte so ein Ball
wie Musick [...]
(carta de 24/04/1924, p. 239)

P. Alegre 24-7-25
[...]
am ersten Agosto giebt es **Kerb** in der Leopoldina
aber nur einen abend an Bälle fehlt es jetzt nicht
am ersten Agosto ist Sonnabend die Kerb Sonntags den
zweiten ist nachmittags bis elf Uhr im Schützenhauss
am achten Sonnabends ist im Turnerbund und am
anderen Sonntag giebt es den wieder im Schützenhauss
Ball, ob ich da über all hingehge weiss ich nicht, das ist zu viel alle acht
Tage, não é!!!!
(carta de 24/07/1925, p. 246)

Am 22sten war kränzchen in Juvenil u gestern
im Schützenhaus u Samstag ist wieder Ball von Bloco
Ouro Negro, du weist, die von **Karnaval** u am 24 April
ist wieder in Juvenil hier ist jetzt jeden Samstag Ball,
Gestern waren wir auf den Spielplatz in Sao João
da haben wir Tamborin gespielt der K. auch u
abends in Cinema.
(carta de 29/03/1920, p. 218)

Betania 4-1-1943
[...]
Zuerst wunsche ich Euch recht viel Glück und
Gottes Segen **zum neuen Jahr**, mit Gesundheit
und Freude.
(carta de 04/01/1943, p. 290)

Outro aspecto importante a observar na indicação da data é a língua em que aparece. Chama a atenção, nesse particular, que muitas vezes, como em um exemplo acima, a data aparece em português, embora o texto da carta siga em alemão. Tal comportamento sinaliza já para uma relativa aproximação da língua e cultura do novo meio.

Cruz Alta 14 de Maio de 1924
Lieber Primo
Carlos.
(carta de 1924, p. 240)

26 Novembro de 1865
Bas so de a Relá [Passo d'Areia] Mne Sibiu [=Monte Sibio?] da
Ca Joei Ra
Innich gelibte Eultern und geschwis
(carta de 1924, p. 123)

Estrella 8 de Agosto de 1919
 Liebe Elvira!
 Wir sind noch alle munter u froh,
 (carta de 1919, p. 202)

b) Destinatário

Depois de informar local e data, o escrevente se dirige ao destinatário com diferentes fórmulas que mostram a sua relação com quem está recebendo a carta. Quando o pesquisador tem acesso ao envelope em que a carta foi enviada, também tem informações sobre o endereço do destinatário e, portanto, à localidade em que vive ou se encontra naquele momento. A carta pode ser direcionada a um destinatário individual ou coletivo, como a uma família, aos irmãos (*Geschwister*), à filha e ao cunhado etc. A partir da leitura das cartas, podemos constatar que havia cartas que circulavam entre diferentes pessoas, famílias ou moradias, e que cartas eram lidas em voz alta para um grupo de pessoas, geralmente uma família. Ou seja, a escrita e leitura de cartas privadas constituía um evento de fala – uma prática linguística – da qual participava um coletivo de pessoas. Nesse coletivo, não fica claro se todos – inclusive o que assina a carta – de fato sabem ler e escrever, ou se há um “letrado” central que media e viabiliza essa prática de escrita e leitura de cartas (ver item h). Seguem exemplos para ilustrar:

Aus ganzer Seele geliebter Bruder Claudius!
 (carta de 1832, p. 81)

liebe kinter
 (carta de 1842, p. 91)

Liber bruder und Schwester und alle freinde und bete um gute nach
 bar schaft,
 (carta de 1856, p. 95)

Innigst geliebter Schwager und Schwester
 (carta de 1858, p. 119)

c) Língua de escrita da carta

A língua em que a carta é escrita pode ser identificada pelo pesquisador. De modo geral, a carta é escrita em uma língua ou há uma língua predominante. Porém, a identificação da variedade específica que possivelmente faz parte do repertório do escrevente só pode ser inferida por meio de uma análise aprofundada das marcas linguísticas presentes no texto, por exemplo, transferências de outra língua ou variedade, variantes características da oralidade

(sobretudo do *Hunsrückisch*), grafias e usos gramaticais específicos (por exemplo, ocorrência de *tun* perifrástico ou *dativus possessivus*) etc. Como se trata de um contexto de línguas em contato, há transferências linguísticas, alternância e mistura de códigos. De modo geral, contudo, é possível inferir a língua dominante do escrevente e demais línguas que podem fazer parte de seu repertório.

Os exemplos a seguir mostram uma gradação de influências das línguas e variedades que podem fazer parte do repertório linguístico do escrevente, que vão desde um domínio significativo da norma escrita do *Hochdeutsch* (1), passando (2) por forte influência do português (com transferências e empréstimos linguísticos) até (3) a ocorrência de *code switching* e (4) o uso efetivo do português como meio de comunicação:

(1)

Möge doch die allerheiligste Dreifaltigkeit
Dich und Deine liebe Frau und Kinder bis
an den heutigen ersten Tag des neuen Jahres
mit der besten Gesundheit und Wohlergehen,
mit Friede, Freude, Glück und Heil gesegnet
haben!

(carta de 1832, p. 81)

(2)

Auf der **Praça** ist Fest, **nohwennas**
und **fohgos** und **Sinema**,

(carta de 1915, p. 197)

(3)

So jetzt

erst will ich Dir etwas wichtiges erzählen – Der Caspinha hat den **namoro** mit der Irma ganz aus gemacht die arme Irma ich daure sie so Du glaubst garnicht, sie kommt so oft hier bei mich weinen sie hat Ihn schon zwei Jahre **namoriert**, sie war nicht auf dem Christbaum fest und nich auf dem **chá danzante** auf dem 31ten Ball geht sie ich will mal sehen was dann giebt **o que nós não temos que pazar tuto não é agora dambem faz bem 2 annos que tu tiveste que pazar tudo não é a mas tenho esperanza de nós todos mais tarde sermos bem feliz**. Den **motivo** warum der Caspinha mit der Irma gestritten hat weiss ich nicht richtig es ist glaube ich wegen dem alten Casper der will es nicht er soll gesagt haben er tät den Caspinha Schiesen wenn er nicht hören tät.

(carta de 1925, p. 250-251)

(4)

Minhas Irmãos me mandaram dous cartões tão bonitos, que eu quasi **Schorei** quando vi elles! mais não foi por eu ser triste, justamente contrario, foi de **tanda** alegria!

(carta de 1925, p. 243)

Esta tem o fim de responder a tua carta, a qual eu arecebi hoje, e que fiquei muito satisfeito, porem vai está comtando alguma cusa daqui, eu vou indo bem por emquanto e de serviso **dampem** estou

satisfeito tenho tido **pastante** eu tenho
de fazer todas as noites serão
(carta de 1897, p. 184)

d) Forma de tratamento

O escrevente se dirige ao destinatário de forma mais ou menos formal. Em alemão, tem-se assim o pronome de tratamento formal *Sie* como marca de distanciamento e de menor intimidade – ou ainda sua forma correlata mais antiga *Ihr*, que subsiste no Hunsrückisch falado, onde é usada para pessoas mais idosas. Ao mesmo tempo, tem-se o pronome *Du*, para marcar intimidade entre os falantes (ou escreventes). Outras formas como *Geehrte(r)*, *Verehrte(r)*, equivalente a *Prezada/o*, ou *Liebe(r)*, literalmente *Querido*, ocorrem de forma mais restrita, provavelmente tomadas de manuais para a escrita de cartas (cf. Campe, 1884). É possível observar abaixo um exemplo de forma de tratamento formal (1), do escrevente para sua filha e o noivo, e um exemplo de tratamento informal (2), do mesmo escrevente para seus filhos.

(1)
Werthgeschätze Tochter! u **Werthge_**
schätzer, Johann Carl Hermann Schnell!
Es ist mir ebenso wie **Ihnen**, ich bin Sie
unbekannt u **Sie** sind mir unbekannt,
als Vatter sollte ich zwar weiter
fragen, um Sie, für eine solche Wichtigkeit
in den Stand zu bringen.
(carta de 1841, p. 89)

(2)
liebe kinter ich kan nicht unter lasn
zu schreibn wen mein schreiben **Eich** bei
kutter gesunt heit g antrefen wird
(carta de 1842, p. 91)

e) Fórmulas prontas / recorrentes

Encontra-se uma sequência de fórmulas “recorrentes”, usadas para introduzir o texto da carta. A análise precisa considerar esse tipo de dado e distingui-lo do que efetivamente pode ser influência da oralidade ou do português e de outras línguas / variedades em contato.

Um exemplo de fórmula introdutória encontrada em várias cartas é dado pela referência a determinado lexema ou expressão, como no caso de *Feder* (pena), como instrumento utilizado para a escrita, no passado:

[...] **ich ergreife die Feder** um ein wenig an euch zu schreiben.
(carta de 1858, p. 119)

Ich ergreife die Feder um mit Gottes Hilfe
noch einmal Nachricht von Euch zu erhalten
(carta de 1894, p. 178)

De forma semelhante, também se têm registros de tradução literal para o português:

Com muita alegria
pego na penna para
communicar-te algu =
mas noticias nossas.
(carta de 1920 p. 215)

Paralelamente, encontram-se nas cartas formulações de certo modo recorrentes, que atendem a diferentes propósitos, entre os quais a confirmação de recebimento da correspondência anterior, ou informação de não recebimento de notícias ou cobrança de que o destinatário escreva;

Deinen geschätzten Brief datirt 21t Februar 1858, ist am ersten
Pfungsttage unserem Bruder Jakob zugekommen, welcher denselben gleich
am zweiten
Pfungsttage (a.e.?) mir zubrachte.
(carta de 1858, p. 110-111)

Ich habe euren Brief erhalten,
ich habe mich sehr gefreut. Ich dachte
hätted mich schon ganz vergessen,
(carta de 1915, p. 196)

Habe Deinen Brief erhalten u. mich sehr gefreut
dass Du auch mal etwas von Dir hören lassen hast heute
abend benutze ich die Zeit um Dir ein paar Zeilen zu schreiben
(carta de 1925, p. 245)

Igualmente recorrente é a informação de não ter recebido notícias, seguida de um pedido para que o destinatário escreva:

Ich ergreife die Feder um mit Gottes Hilfe
noch einmal Nachricht von Euch zu erhalten
Es sind bereits 6 Jahre daß ich Euch den
Tod von meinem lieben Christoff gemeldet
habe, aber leider keine Antwort erhalten.
(carta de 1894, p. 178)

Ich habe zwar vor Jahren, als unser guter Vater
noch lebte, schon zweimal an Euch geschrieben, die Briefe
müssen aber nicht angekommen sein, da wir keine Antwort
erhielten.
(carta de 1895, p. 180)

Leider habe ich noch keinen
Brief von dir bekommen er=
varte aber bestimmt, dass
heute, oder morgen Post kommen wird.
(carta de 1919, p. 208)

Wie ist das nur das ihr garnicht
schreibt,
(carta de 1939, p. 283)

Ao lado de formulações recorrentes perguntando por notícias, merecem atenção também as perguntas em relação à saúde e as informações sobre a própria.

Vor allem wünsche ich daß meine Zeilen
Ihnen und Ihre ganze Familie bei guter Gesund
heit antreffen mögen
(carta de 1873, p. 145)

Hoffe das diese Zeilen Dir bei gesundheit antreffen mögen
so vie der selbe fall bei mir auch ist
(carta de 1929, p. 261)

Saúde em companhia atodos de casa e nossos
pertencentes é o que dej desejo lhes,. por inquando eu por
a qui vou muito bem. Eu tenho resibido a sua amavel cartinha
que o senhor mi escreveu do 25 mes pasado
(carta de 1892, p. 170)

f) Motivações para a escrita de cartas

A identificação das motivações para a escrita demanda análise de conteúdo das cartas. Esta pode vir resumida em uma fórmula introdutória, mas nem sempre isso acontece.

As primeiras cartas, pode-se dizer, foram escritas em intervalos de tempo maiores, muitas vezes englobando relatos para a Alemanha, sobre a vida na nova terra e os fatos mais marcantes.

Na segunda fase, as cartas entre os imigrantes residentes no Brasil – as “pontes de papel” no sentido de Altenhofen; Steffen; Thun (2018) – passaram a ser mais frequentes. As notícias mais marcantes ou fatos significativos continuam na pauta, porém já incluindo mensagens sobre temas mais corriqueiros e de ordem pessoal (como baile, namoro etc.).

Mit herzli-
cher Freude melde ich Dir, vielgeliebter Bruder,
daß ich mit meiner Frau und zwei Kindern,
Andreas und Anton, schon fünf und drei
viertel Jahre in diesem so fernen Weltteil mich
gesund und wohl befinde; noch nie haben wir
Mangel gelitten, reichliches Auskommen erfreut

uns...

Vernimm zuerst, geliebter Bruder, in wie viel Zeit wir, den deutschen Grund und Boden verlassend, um in die Weite von 5000 Stunden ein neues Vaterland zu suchen, wir hier angekommen und an's Land getreten sind. – Den 2. Dez. 1825 segelten wir aus der Elbe bei Hamburg, auf dem Schiffe "Anna Louisa", geführt vom Capitän Knock, in die Nordsee; (carta de 1832, p. 82)

ich mus

euch zu wissen thun wie es uns geht in brasilgen es geht uns Rech[t] gut aber unser Reise hat uns nicht gefallen denn wir hatten eine lange Reise wir waren 95 agen auf dem danfa dem Schif das war uns zu lang mit schlechter Kost aber wir waren alle zufried denn der liebe Gott hat uns alle beschüzet, jetzt will euch unser Reiser beschreibe (carta de 1856, p. 95)

ich kan nicht unter lasn

zu schreibn wen mein schreiben Eich bei kutter gesunt heit g antrefen wird solt uns Es freien ich kan nicht unter lasen Euch zu schreiben diesen traugen tag Euer mutter ist ser tetig krank (carta de 1842, p. 91)

Neues giebt es hier wenig das neuste vill ich dir schreiben (carta de 1919, p. 200)

Hast du dich da oben

schon einen angeschafft? Der Tloda schnapt ein guten tag noch über der wirt jetzt gans Engländer raucht nur noch caschimbo wie die Engländer. Elvira ich hätte dich so vieles zu erzählen schade das du nicht da bist ich kann dich ja nicht alles schreiben. Die Wilma ist böse mit den Brabi u ich war auch 2 wochen mit den K böse jetzt sind wir wieder gut dass sind Streithähne nicht war? (carta de 1920, p. 217-218)

Sie

schrieb mir, es ginge Euch gut u an Namorados würde es nicht fehlen. Ich würde mich freuen wenn ich auch solches Glück hätte aber im gegenteil. (carta de 1922, p. 228)

Liebe Ida ich euch mit Theilen dass ich einen Ball war, der wahr aber so schön gewessen du glaubst garnicht. Der Schütz wahr auch gewessen, er hat aber nicht getanst ich hätte so gern gehabt dass er ein tanhs mir getanst hät, da hät ich ihn gefohbt aber er hat nicht einer getanhst.

Dass wahr weihl du nicht da gewessen
warst, er hat so Traurich dort
gesessen, er hat wahrscheinlich an dich
getacht.
(carta de 1915 p, 198)

Elvira eu já escrevi oito cartas com esta, novidades não posso
lhe escrever nada mais, porque eu já escrevi tudo nas outras
cartas. e mesmo aqui na Masseca não ha, aqui não é assim
como na Estrella, toda hora ha alguma novidade.
(carta de 1925, p. 242)

g) Fórmulas de despedida

Normalmente, pertencem à parte final desse gênero de carta pessoal aspetos que recaem no campo da intimidade, como enviar lembranças, abraços ou beijos para o(s) destinatário(s) e demais conhecidos ou membros da família – com o cuidado “de não esquecer ninguém”. Os exemplos a seguir ilustram algumas dessas questões:

Nun mus ich mich mein schreiben schlissen
Grüsse alle die im Hause sind
und **du seist tausend mahl gegrüst**
von deine Freundin
Elsa Rick
(carta de 1915, p. 198)

für
heute muss ich schliesen Mit Gruss deine
Jettchen. komme den 14ten
(carta de 1929, p. 262)

Und
nun l.[ieber] Onkel **seid tausendmal gegrüßt** u. geküßt von
Eurer Schwester
sowie viele Grüße an Euch u. die Euren von uns Allen. Euer Neffe
Friedrich Gullirts nebst Familie.
(carta de 1895, p. 183)

Grüßen Sie alle die mich dort kennen
von ganzen Herzen von
Ihrem Freund
Peter Weber
(carta de 1873, p. 147)

Ein festgetrükter apraço von
deiner Freundin
Olga
(carta de 1919, p. 199)

h) Assinatura e autoria da carta

Ao final de uma carta, costuma aparecer o último elemento informativo, que equivale ao nome do destinatário – apenas prenome/sobrenome ou completo. Essa identificação é relevante para comparar cartas e estilos de escrita do mesmo autor, levando em conta inclusive a relação entre os textos. Pode-se por exemplo, analisar a recorrência de variantes e se há uma mudança ou constância das marcas linguísticas.

Um problema que dificulta esse tipo de análise é que o autor pode ser uma única pessoa ou pode ser coletivo. Em alguns casos um menciona outros na despedida, em outros casos mais de uma pessoa assina. É provável que nem sempre quem assina a carta realmente a escreveu. Pode-se deduzir, em alguns casos, que a carta é ditada e outra pessoa a escreve. Em algumas dessas cartas, pode-se inclusive observar diferença entre a escrita da carta e a assinatura, como no exemplo abaixo em que outra pessoa deve ter escrito a pedido de Clementina Stein, que apenas colocou sua assinatura. Mas nem sempre essa diferença é observável.

Figura 3: *Fac simile* de carta com escrevente e autor possivelmente diferentes

Cachoeira do Sul 8 de junho de 1980
 Querida Sobrinha Ana
 Estimadas Saudações
 Em primeiro lugar quero felicita-la pelo seu aniversário dia 13 de junho que o Santo Antônio a protege sempre. Meus parabéns muitas felicidades e muitos anos de vida com saúde e alegria.
 De saúde vão indo mais ou menos bem, e o mesmo espero de vocês todos de lá. Espero uma resposta desta carta para saber notícias de vocês. O tempo aqui está bom, só bastante frio e como está por lá?
 O meu terreno pode vender com o seu. Aquela tempo eu não tinha dinheiro, por isso eu fui atrás do dinheiro e agora não me falta nada. As irmãs disseram que elas me cuidam. Aquela tempo o dinheiro que eu tinha eu emprestei para os meus parentes e eles não me pagaram juros.
 E assim eu fiquei nervosa com a Senhora.
 Gostaria de saber se a Senhora Tillenburg vive ainda, aquele que era paralisado.
 Como vai a Albertina e o Luis e suas famílias?
 Sem mais nada a escrever vou terminar esta carta desejando felicidades a vocês.
 Esperando a resposta. Aquele abraço de sua tia.
 Clementina Stern

2. ANÁLISE E TRATAMENTO PARA ESTUDOS DIACRÔNICOS

O presente capítulo tem por foco a análise e o tratamento das cartas privadas como fonte de dados para estudos diacrônicos. Serão abordados os principais problemas com os quais se confronta o pesquisador, ao lidar com esse tipo de fonte de dados, incluindo as condições de acesso e conservação dos manuscritos originais (seção 2.1); as exigências do trabalho de transliteração do manuscrito (seção 2.2); problemas referentes à identificação de informações sócio-históricas e geolinguísticas nas fontes (seção 2.3); bem como questões relacionadas à organização e análise do acervo de cartas, conforme o sistema de etiquetagem do ALMA-Histórico (seção 2.4).

2.1 Problemas relacionados às fontes de dados

Fontes não faltam. Mas o pesquisador enfrenta inúmeros problemas durante seu percurso de pesquisa, desde o fato de saber da existência de muitas fontes até que as tenha em mãos, em condições adequadas para a pesquisa linguística. Muitas famílias guardam as cartas escritas por seus antepassados. Estas, porém, estão espalhadas em pequenos “acervos” familiares, cuja identificação é difícil. As cartas do acervo do projeto ALMA foram, em sua maioria, coletadas durante as visitas para as entrevistas sociolinguísticas realizadas no âmbito do macroprojeto do Atlas Linguístico. Outras cartas estão armazenadas em acervos institucionais, como arquivos e bibliotecas. Neste caso, o acesso é mais fácil do que nos acervos familiares, mas, mesmo assim, há manuscritos espalhados em diversas instituições diferentes, em localidades diferentes, tanto no Brasil quanto na Alemanha. Alguns acervos possuem material digitalizado, outros não.

Outra fonte possível são as coleções de cartas publicadas em coletâneas ou estudos. A maioria destes estudos tem por foco aspectos históricos, e por isso o tratamento das cartas está voltado ao conteúdo, e não para a forma da língua. Assim, estas publicações apresentam cartas traduzidas muitas vezes sem a publicação da carta na língua em que foi escrita. Como exemplo, podemos mencionar as cartas publicadas por Stoltz (1997) em seu livro *Cartas de Imigrantes*, que foram todas traduzidas e publicadas sem a transcrição “completa e diplomática (fidedigna)” do original (cf. Thun; Wilkin, 2018, p. 35); esta obra será comentada em 3.1). Há outros livros com foco na história (alguns serão igualmente comentados em 3.1), em que são publicadas cartas apenas em sua tradução, e/ou atualizadas para a grafia padrão atual, com correções

ortográficas. Quando se tem acesso apenas a estas publicações em que houve alteração na escrita para priorizar o conteúdo, elas não servem primariamente de objeto de pesquisa para o linguista.

2.2 Problemas de transliteração: do manuscrito ao dado transliterado

Quando o pesquisador tem acesso à carta original, depara-se com o fato de se tratar também de um objeto físico histórico, antigo, que nem sempre teve as melhores condições de preservação, tendo sido danificado pelo tempo ou condições de armazenamento. Outras vezes o pesquisador tem acesso apenas a fotografias ou cópias digitalizadas que, além de reproduzirem problemas mencionados em relação ao objeto em papel, nem sempre oferecem a mesma qualidade de imagem do documento original, por causa da resolução da imagem, do foco da fotografia etc. A partir da participação nas reuniões do grupo de trabalho ALMA-Histórico, no qual são revisadas transliterações de cartas privadas do acervo do projeto, foi possível observar diversas dificuldades técnicas de transliteração decorrentes das condições do material a que temos acesso. As cartas do acervo ALMA-Histórico estão digitalizadas e dificilmente se tem acesso ao original em papel.

Um primeiro problema que diz respeito especialmente a textos escritos em língua alemã é dado pela grafia empregada. As cartas privadas mais antigas escritas pelos imigrantes e seus descendentes são grafadas em *Kurrentschrift*. Sobre este tipo de grafia, vale destacar que:

Às vezes, é chamada de *Sütterlin*, porém esta é só uma forma particular da *Deutsche Kurrentschrift* (escrita corrente alemã), desenvolvida pelo gráfico e pedagogo Ludwig Sütterlin, em 1911. Uma vez que muitas das cartas reunidas neste volume foram escritas antes desta data, optamos por designá-la como *Kurrentschrift*. (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 24)

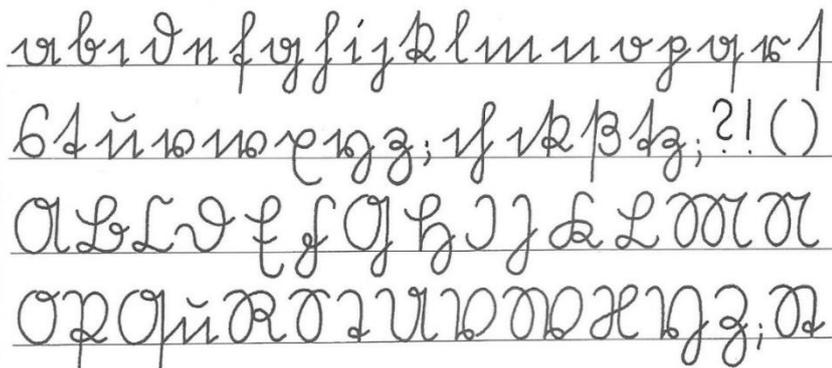
Do mesmo modo, também neste trabalho nos referimos a esse tipo de escrita sempre como *Kurrentschrift*. As figuras a seguir retiradas de um dos vários manuais que se tem produzido, para o ensino/aprendizagem dessas escritas exemplificam ambos os modelos, de *Kurrentschrift* e *Sütterlin*.

Figura 4: Sequência de caracteres em escrita *Kurrent*



Fonte: Braun (2015, p. 14)

Figura 5: Sequência de caracteres em escrita *Sütterlin*



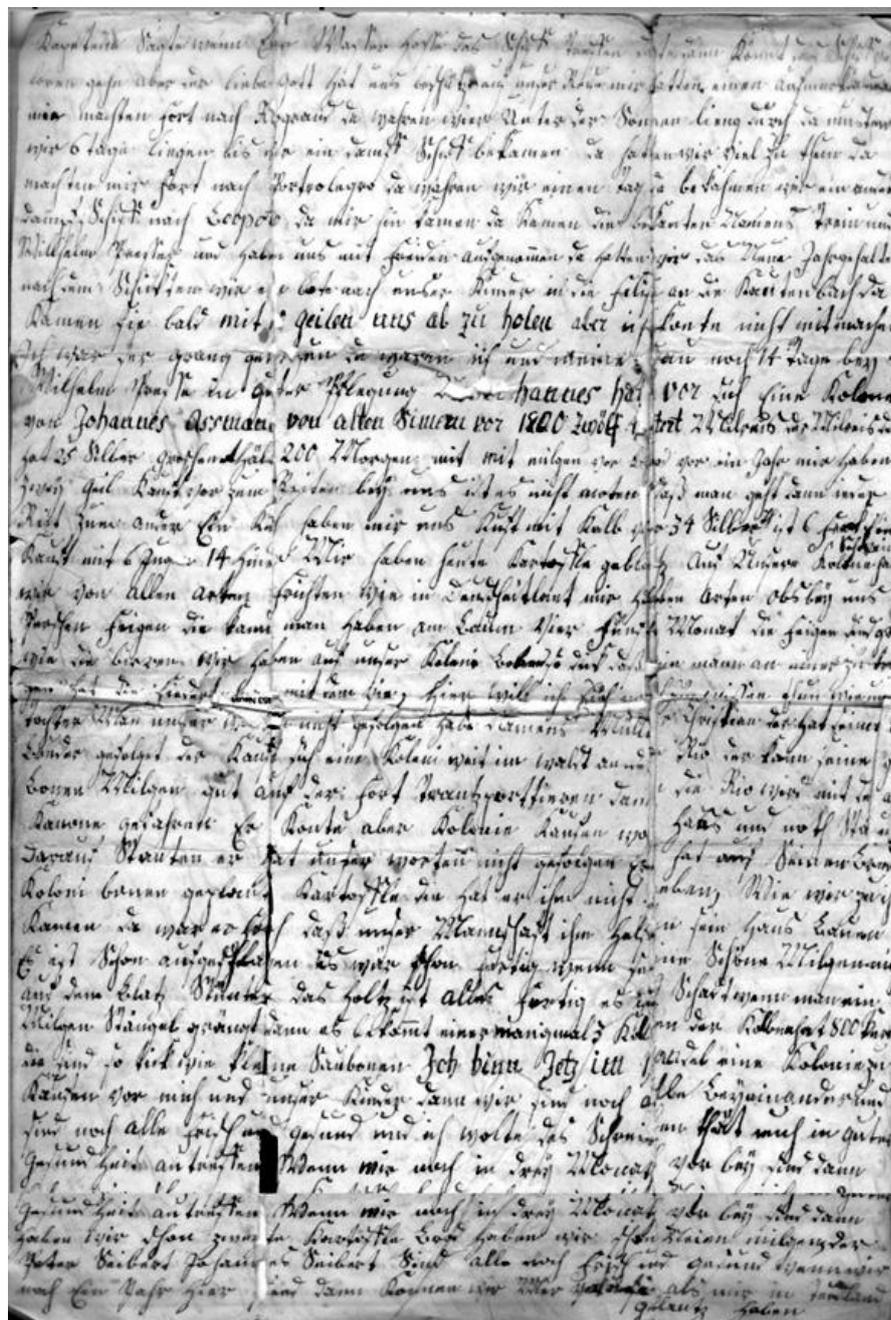
Fonte: Braun (2015, p. 14)

O fato de a grande maioria das cartas terem sido escritas à mão nos traz dificuldades variadas de leitura. A dificuldade de decifrar letras manuscritas varia de acordo com o escrevente. Alguns produzem letras de fácil leitura, outros de leitura mais difícil. O tempo e as condições disponíveis para a escrita de determinada carta certamente também influenciam na qualidade da letra. Como se trata de cartas mais antigas, observam-se diferenças lexicais significativas, em que palavras podem ter caído em desuso ou mudado seu significado. Também é comum a ocorrência de manchas de tinta e rasuras surgidas durante o processo de escrita. A união desses fatores, em alguns casos, torna determinados grafemas ou palavras indecifráveis. Abaixo, temos um exemplo de transliteração em que, por essa razão, não foi possível identificar um dos grafemas, que por isso foi assinalado com um ponto de interrogação:

Wenn Du nicht guten rothen Ba(?)et findest, so bringe
kein Futter zu deinem Mantel.
(carta de 1858, p. 117)

Outro problema comum que enfrentamos tem a ver com o desaparecimento de letras, palavras ou trechos devido a danos no papel. Na carta abaixo, por exemplo, marcas de dobras repetidas no papel, somadas à ação do tempo prejudicaram a legibilidade do texto; a elas se soma uma marca preta na parte inferior, provavelmente um buraco no papel, ou mesmo limitações que se pode atribuir à qualidade da fotografia.

Figura 6: Carta com marcas de dobras e outros danos sofridos pelo papel

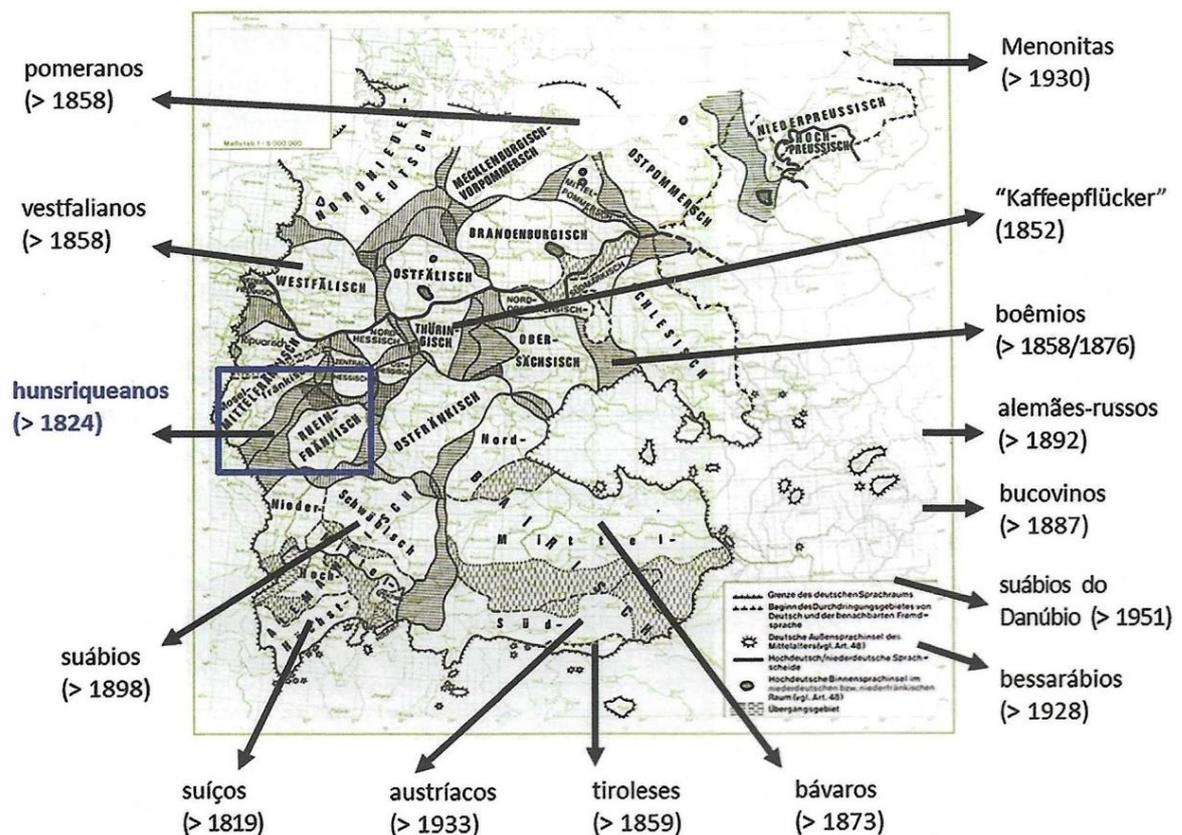


Fonte: Altenhofen; Steffen; Thun (2018, p. 107)

2.3 Problemas de identificação de informações sócio-históricas e geolinguísticas

A partir de 1824, alemães emigraram para o Brasil, trazendo suas variedades linguísticas na bagagem. Vindos de uma Alemanha ainda não unificada, falavam variedades do alemão, tradicionalmente conhecidas como dialetos, e muitos trouxeram também, em maior ou menor grau, conhecimentos mesmo que parciais da norma escrita do alemão, o *Hochdeutsch*. A língua trazida pelo imigrante, pode-se dizer, aponta para a variedade e seu uso na matriz de origem na Europa, como mostra o mapa de Wiesinger (1983), adaptado por Altenhofen; Morello et al. (2018), que põe em destaque a região do Hunsrück, de onde veio a maior parte dos imigrantes alemães. Ao todo, podem-se identificar 14 variedades presentes no Brasil, com uso em comunidade, conforme Altenhofen (2019).

Figura 8: Regiões dialetais de origem dos imigrantes



Fonte: Altenhofen; Morello et al. (2018, p. 29), mapa adaptado a partir de Wiesinger (1983, p. 831, mapa 47.4)

No caso das cartas privadas, a identificação da matriz de origem do escrevente não é tarefa simples. O autor costuma indicar o local onde a carta está sendo escrita juntamente com a data no início da carta. Mas nem sempre podemos saber se ele de fato mora naquele lugar,

nem onde nasceu e/ou viveu antes, nem de qual localidade de origem vieram seus antepassados. Apesar de conseguirmos identificar algumas línguas e variedades do repertório linguístico de quem escreve, não é possível identificar o panorama completo do seu repertório linguístico. Quanto à escolha da variedade linguística na escrita das cartas, “mesmo que sejam textos do âmbito privado e espontâneo, geralmente não são escritos na mesma variedade utilizada na oralidade, mas sim em *Hochdeutsch*” (Altenhofen; Steffen; Thun. 2018, p. 16).

O grau de domínio da língua escrita dos imigrantes é um tema sobre o qual se verificam posições distintas na literatura. Alguns autores, como Stoltz (1997), são categóricos em afirmar que a competência de escrita dos imigrantes era muito baixa.

“Com um linguajar às vezes rude, as cartas não possuem o aparato do conhecimento literária [sic] pois a maioria dos colonos não eram homens letrados mas sim de ação, e muito menos tinham um bom conhecimento histórico. Há, porém, um valor histórico em cada linha escrita por estes homens e mulheres [...]” (Stoltz, 1997, p. 68)

Por um lado, Stoltz deixa claro o foco na carta privada como fonte para a pesquisa histórica, por outro mostra sua visão sobre a língua. Considera o “linguajar” dos imigrantes “rude” e não identifica valor linguístico na escrita. A afirmação sobre a competência linguística e, mais especificamente, de escrita dos imigrantes é uma afirmação, contudo, questionável que ainda precisa ser verificada com base em estudos linguísticos diacrônicos mais aprofundados.

Defendendo outra posição, há o depoimento do diretor de cinema Edgar Reitz, que em seu filme *A Outra Pátria (Die andere Heimat: Chronik einer Sehnsucht)* conta a história do contexto de emigração da região do Hunsrück, no século XIX. Reitz alega que quem emigrava era aquele que sabia ler, que a leitura levava ao conhecimento de terras distantes e à esperança de uma vida melhor nos novos “confins”:

“Die Alphabetisierung löste das Fernweh aus, so wie die Medien auch bei den heutigen Migrationsbewegungen eine Rolle spielen. Die Menschen in Pakistan oder Afrika erfahren über das Fernsehen und das Internet etwas über ein anderes, besseres Leben an anderen Orten, das weckt ihre Sehnsucht.“ (Peitz, 2013)

Reitz argumenta para tanto que miséria, fome e dificuldades sempre existiram, mas que apenas depois que as pessoas sabiam ler, elas partiam, sobretudo porque era um empreendimento que exigia muito preparo e coragem (v. Peitz, 2013). A posição de Reitz dá sustentação à constatação de Altenhofen; Morello et al. (2018): “Pensando em que implicava a decisão de emigrar, não é de duvidar que o domínio da escrita em *Hochdeutsch* – como comprova o acervo de cartas de imigrantes que fazem parte do ALMA-Histórico – tenha sido mais frequente do que se imagina” (Altenhofen; Morello et al., 2018, p. 29). Contribui para a

ideia de os imigrantes terem domínio da língua escrita, o fato de que em “1717, o governo prussiano tinha instaurado a lei de obrigatoriedade da escola (*preussische Schulpflicht*), nas diferentes províncias sob seu domínio, o que incluía também o Hunsrück” (Altenhofen; Morello et al., 2018, p. 29). Trata-se, portanto, de um terreno que requer ainda estudos linguísticos e históricos por fazer para fundamentar e comprovar cientificamente essas afirmações.

As cartas privadas que constituem nosso foco de análise não permitem extrair facilmente o perfil sociocultural do escrevente e do destinatário. Sabemos que estão situados no contexto de imigração alemã no Brasil, com as características socioculturais que esta condição representa. O que via de regra sabemos, em relação aos dados concretos sobre o escrevente, é o seu nome, a localidade onde a carta foi escrita e a data. Em alguns casos, a pessoa que armazenou e doou a carta ao acervo do projeto forneceu informações sobre a data de nascimento – que permite calcular a idade – e sobre a profissão do escrevente. Demais dados socioculturais precisam ser depreendidos de estudos que cruzem informações sócio-históricas (a partir das informações anteriormente mencionadas às quais temos acesso) com uma análise do conteúdo das cartas. Assim, encontram-se no próprio conteúdo das cartas relatos sobre as condições financeiras, propriedades, atividades do dia a dia, profissão, lazer, família, religião, escola, saúde, política, festas etc. Cabe a uma análise linguística da escrita traçar relações também com o grau de escolaridade. A partir da análise linguística e sócio-histórico-cultural do conteúdo das cartas, é possível traçar hipóteses sobre o perfil sociocultural dos escreventes, porém não se encontra este dado pronto.

2.4 Questões relacionadas à organização e análise do acervo de cartas

Quando o pesquisador ou programa de pesquisa possui um grande número de cartas em seu acervo, é necessário que estas sejam organizadas e etiquetadas, para permitir o acesso e a localização dos documentos de acordo com a necessidade e objetivos da pesquisa. Nesse sentido, é importante ter em mente as normas de etiquetagem estabelecidas pelo ALMA-Histórico, para organizar o seu acervo de cartas e otimizar a pesquisa do conjunto de dados, considerando os mais variados objetivos de pesquisa.

O acervo ALMA-Histórico reúne um número expressivo de cartas em formato digital (fotografia) coletadas a partir de viagens de pesquisa para os levantamentos de dados para o atlas linguístico, visitas a arquivos e bibliotecas, intercâmbio com pesquisadores de outras

áreas, bem como também de doações de famílias.³ Para o seu uso em pesquisa linguística, os arquivos de fotos das cartas precisam ser etiquetados, isto é, atribui-se um nome ao arquivo, que obedece às regras pré-fixadas pela coordenação do ALMA-Histórico. Essas regras ou “normas de etiquetagem” levam em consideração os seguintes aspectos:

a) Língua

A etiquetagem inicia pela identificação da língua em que a carta é escrita e que inclui as seguintes possibilidades no Acervo, abreviadas como **Dt** (Deutsch/alemão), **Pt** (português) e **Dt-Pt** (com alternância de ambas as línguas).

b) Data

Como segunda informação, que também ordena as cartas cronologicamente, aparece o ano, mês e dia, na seguinte ordem e formato: AAAA-MM-DD.

c) Local

O local ou região indicado pelo escrevente (de onde ele escreve) é complementado pelo código do ponto de pesquisa do ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch) ao qual se circunscreve esse local, no caso de equivaler a uma localidade do Brasil ou Bacia do Prata. Exemplo: RS01p-Lomba Grande_.

O objetivo dessa vinculação entre a localidade dos dados escritos (carta) e a localidade dos dados de fala levantados (gravação de entrevistas e fala livre) é garantir a correlação entre a língua alemã escrita e falada. Quando se trata de localidade da Europa, emprega-se a sigla do país, neste caso por exemplo DE (Deutschland/Alemanha) ou PO (Polônia).

d) Identificação do escrevente

Por razões relacionadas a historicidade do escrevente, mantém-se o seu nome, que segue a indicação da localidade.

e) Destinatário

f) Por razões de historicidade da carta e de clareza, segue-se o nome do destinatário.

g) Localidade do destinatário

³ Impulso especial na coleta de cartas foi dado por Joachim Steffen (atualmente, Univ. Augsburg), durante estágio de pesquisa como Bolsista Feodor Lynen, da Fundação Alexander von Humboldt.

Nem sempre é possível identificar a localidade do destinatário, para onde é enviada a carta. Nos casos em que isso é possível, faz-se uso do mesmo procedimento de vincular essa localidade ao ponto do ALMA-H no qual se situa. Quando se tem uma pista segura de que o destinatário pode estar na Europa, a simples indicação do país já pode ser relevante.

h) Página da carta

Como as cartas foram, em sua maioria, fotografadas em campo, portanto em mais de um arquivo, é necessário discriminar cada arquivo pela página que representa, por exemplo p.1.

g) Resumo do formato final de etiquetagem do arquivo:

Concluindo, pode-se resumir na seguinte fórmula o modelo de etiquetagem dos dados das cartas digitalizadas do Acervo ALMA-Histórico:

Abrev. da Língua_AAAA-MM-DD_Microregião/País ou Cód. Rede de pontos do ALMA-H-Localidade_Nome do Escrevente_an Destinatário/Receptor_Microregião/País/Ponto ALMA-H-Localidade_p.1

Exemplificando, a etiquetagem de uma carta escrita em 13 de janeiro de 1866, em Sta Maria da Boca do Monte, por Carlos Schnell, para seu irmão Friedrich, no Rio Grande do Sul, resulta na seguinte denominação, para o arquivo da p.2:

Dt_1866-01-13_RS15p-Sta Maria da Boca do Monte_Carlos Schnell_an BruderFriedrich_RS_p.2

Ao lado da coleta e etiquetagem dos dados, também a transliteração precisa atender a determinadas exigências e regras. Toda carta vem acompanhada, assim, de um resumo de apresentação e identificação, que inclui os seguintes itens:

- a) Acervo em que se encontra o original;
- b) Nome de quem cedeu a cópia (direitos para uso em pesquisas e publicações);
- c) Particularidades sobre o conteúdo e motivação da carta;
- d) Nome de quem fez a transliteração.

A regra geral determina que “A transliteração deve ser diplomática, isto é, a versão digitada deve refletir exatamente o original manuscrito, sem corrigir erros ou incorreções” (conforme orientações para a transliteração no ALMA-Histórico). Nessa perspectiva, leva-se em consideração um conjunto de aspectos mais formais:

- a) numeração e mudança das linhas e páginas conforme o original;
- b) manutenção da separação silábica;
- c) observância das maiúsculas, minúsculas e de todos os sinais gráficos e de pontuação conforme ocorrem no original;
- d) palavras riscadas também são transliteradas, igualmente riscadas;
- e) nenhuma palavra deve ser alterada ou “corrigida”, nem mesmo nomes próprios;
- f) se faltar uma letra ou palavra, deve ser acrescida entre [colchetes];
- g) para palavras ilegíveis, usar [...], para uma hipótese sem certeza, deve ser seguida de ponto de interrogação;
- h) trechos ocultos por danos ao papel, manchas ou rasuras devem ser informados no local em que ocorrem;
- i) se houver alteração de letra indicando alteração de escrevente isto deve ser indicado no local em que ocorre;
- j) o transliterador pode e deve colocar comentários que considerar relevantes em nota de rodapé.

Vale lembrar, por fim, que a carta privada assim transliterada e salva em arquivo que segue as normas de etiquetagem fixadas pelo ALMA-Histórico finalmente estará no ponto de poder ser devidamente analisada. Eventuais problemas e inconsistências podem, daí em diante, ainda serem resolvidos por meio da análise e interpretação conduzida pelo pesquisador. Fica, agora, a pergunta sobre as possibilidades propriamente ditas para a pesquisa linguística histórica nesse tipo de dado.

3. CARTAS PRIVADAS COMO FONTE DE PESQUISA LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS DE ESTUDO

O presente capítulo elenca estudos prévios que utilizaram cartas privadas como fonte de pesquisa. Este levantamento não é exaustivo, dado a natureza e objetivo deste trabalho de conclusão de curso e as limitações de tempo disponível para a sua realização. A grande maioria dos estudos feitos até hoje utiliza as cartas para análise de conteúdo, normalmente para fundamentar estudos sócio-históricos ou biográficos. A seção 3.1 faz um primeiro levantamento desses estudos com foco primordialmente no conteúdo histórico. Na seção 3.2, apresentam-se estudos que utilizam cartas privadas para fins de pesquisa linguística. Enquanto a seção 3.2.1 aborda as exigências no tratamento dos dados, em 3.2.2 identificam-se potenciais variáveis linguísticas para estudos diacrônicos do alemão e português em contato.

3.1 Cartas privadas como fonte de pesquisa histórica: fim em si e meio

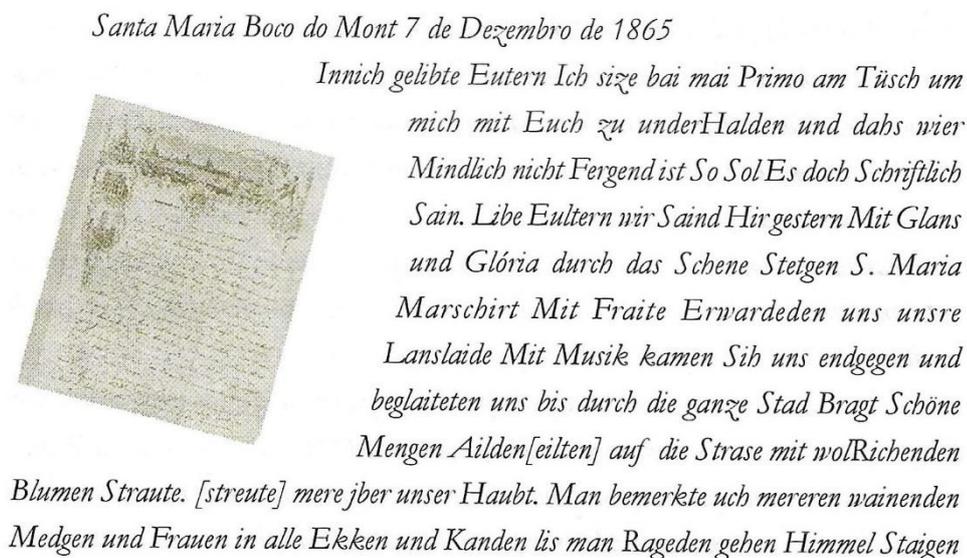
Nesta seção, são apresentados alguns estudos de cunho sócio-histórico ou biográfico que se pautam na análise de cartas privadas para fins de pesquisa histórica.

Iniciemos pelo estudo de Stolz (1997). O autor reúne cartas de imigrantes europeus que vieram ao Brasil no século XIX, não apenas alemães, mas também italianos e poloneses. As cartas foram todas escritas no Brasil, a maioria no Rio Grande do Sul. A coletânea tem o objetivo de contar a história a partir de relatos individuais, estabelecer diferenças e semelhanças a partir das cartas, “com intenção de relatar seus motivos de emigração, a viagem até os portos europeus, a tormentosa viagem marítima, a chegada nas costas brasileiras e o encaminhamento às colônias” (Stoltz, 1997, p. 11). As cartas estão traduzidas para o português, sem publicação na língua em que foram originalmente escritas. Em síntese, a publicação divide-se em duas partes, a primeira intitulada *Imigração*, e a segunda *Cartas*. Na parte inicial – *Imigração* – há ao todo 7 capítulos que sugerem certa ênfase no percurso emigratório da matriz europeia para o novo meio: *Motivo, Alemanha, Itália, Polônia, O embarque, A viagem marítima e O colono e a mata*. O autor constrói sua análise histórica a partir de cartas dos imigrantes. No subcapítulo *As escritas*, após uma introdução sobre o contexto em que se dava a escrita das cartas, com foco na história e não na língua, compila cartas completas traduzidas para o português.

Análise semelhante é feita por Elma Sant’Ana (2004), ao analisar cartas escritas pelos Mucker, no final do séc. XIX. *O episódio dos Mucker* é tratado na primeira parte do estudo; a segunda parte dedica-se à publicação de uma compilação de cartas privadas. Essa parte é

bilíngue e apresenta primeiramente a transcrição do original, que preserva a grafia original do escrevente, inclusive mantendo os “erros gramaticais”, conforme acentuam os tradutores Ernani Haag e Ingobert Karl Niewöhner (Sant’Ana, 2004, p. 9). São cartas privadas de duas famílias de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul: Schnell e Sehn. O foco dessa publicação é novamente histórico, mas por apresentar a transcrição fiel das cartas originais, constitui valioso material para pesquisas linguísticas. Segue um exemplo de carta de Carlos J. Schnell.

Figura 9: Transliteração de uma das cartas publicadas em Sant’Ana (2004)



Fonte: Sant’Ana (2004, p. 159)

O uso pontual de cartas para fins de pesquisa histórica é de certo modo recorrente, na literatura. Um exemplo é dado por Dreher (2014a). Dreher utiliza e cita trechos de documentos oficiais, transcrições de diários de pessoas envolvidas, relatos escritos e cartas privadas. Devido ao foco no conteúdo histórico, os documentos aparecem citados majoritariamente em tradução para o português. No caso de documentos originalmente escritos em português, a grafia foi atualizada para a ortografia atual da língua portuguesa no Brasil. Relevante para nosso estudo – seja pelo tipo de análise, seja pelo teor da fonte analisada – é a publicação de uma carta completa, no capítulo *Migrações internas a partir de uma carta*. Essa carta excepcionalmente aparece com sua transcrição do original em alemão, seguida da tradução para o português. Dreher tem consciência da relevância da transcrição diplomática (fidedigna) e comenta: “apresentamos a carta em sua grafia original, não incluímos nela correções, nem mesmo pontuações diferentes das contidas no original. Assim, linguistas poderão valer-se dela” (Dreher, 2014a, p. 183).

Em outra publicação, de Trespach (2013), intitulada *O lavrador e o sapateiro: memória, tradição oral e literatura*, o foco nas cartas privadas se alinha com outros campos da relação entre escrituralidade (pelo lado da literatura) e a oralidade (pelo lado da tradição oral). A carta privada constitui apenas uma das fontes nas quais o autor se baseou. Em anexo, disponibiliza uma carta escrita pelo imigrante Valentin Knopf, em 1827, para seus familiares na Alemanha. Trespach não teve acesso à carta original, mas a uma transcrição publicada por Gustav Paul, no *Hessische Chronik* em 1915 (cf. Trespach, 2013, p. 101). Ainda segundo Trespach (2013, p. 101), a carta aparece “com alguns erros na forma e na grafia”, o que o leva a concluir que “Paul deve ter transcrito tal como Kampf escreveu”. Trespach publicou a carta em transcrição idêntica à de Paul, em alemão, seguida de tradução para o português. Pelo fato de a transcrição ser igual ou muito próxima ao original, a carta pode ter relevância também para estudos linguísticos, embora ponderando que pode ter havido retoques em algum ponto do processo e que pode haver a possibilidade de ainda encontrar o original.

Uma última publicação, para exemplificar o uso de cartas privadas em estudos da imigração alemã, é dado pela publicação de Biehl e Mügge (2022), relativa aos *Escritos perdidos: vida e obra de um imigrante insurgente – Johann Georg Klein (1822-1915)*. Trata-se de uma publicação dupla, sendo um livro em português e o outro em alemão. Questões de escrituralidade no contato alemão-português assumem aqui uma configuração muito curiosa e particular. Além da história de Johann Georg Klein, imigrante alemão no Rio Grande do Sul, onde foi colono, professor e pastor evangélico, incluindo aí o período da Guerra Mucker e anos na prisão, o estudo se confronta com documentos históricos e manuscritos de diversos tipos, incluindo um glossário de palavras traduzidas do alemão para o português, que testemunham aspectos do português em contato e do esforço de Klein para aprender essa língua. Dentre esses manuscritos, encontram-se também cartas privadas. Ao final do livro, foram publicadas transcrições de documentos, dentre eles, seis cartas privadas importantes para a reconstituição da história, não necessariamente de autoria de Klein. Na edição em língua portuguesa as cartas foram traduzidas, enquanto na edição em língua alemã as cartas foram transcritas com atualização para a ortografia atual (cf. Biehl; Mügge, 2022b, p. 453). Como nas demais publicações mencionadas acima, o foco recai novamente no conteúdo, o que explica a apresentação de cartas em formato que permita a fácil compreensão por parte do leitor do livro.

3.2 Cartas privadas para fins de pesquisa linguística

Até onde se tem conhecimento, a publicação de 82 *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*, por Altenhofen; Steffen e Thun (2018), é uma das poucas publicações que enfocam cartas privadas, escritas no contexto da imigração no Brasil, sob o viés da pesquisa linguística. O critério de seleção das cartas, a transliteração, a organização do livro, os comentários, notas de rodapé e textos adicionais mantém sempre o enfoque das cartas privadas como fonte de pesquisa linguística. Além dos aspectos puramente linguísticos, as cartas também contêm informações históricas, que se entrelaçam com as linguísticas, afinal, a “correlação dos aspectos da língua (variação e uso) com o contexto histórico explica muitos comportamentos linguísticos” (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 25). Do total de 82 cartas publicadas, 72 foram escritas – de acordo com o *Prefácio* e a *Apresentação* do livro – no contexto da imigração de hunsriqueanos no Brasil. Apesar disso, os autores ressaltam que:

“Não podemos afirmar, categoricamente, que todos os autores das cartas selecionadas para este volume são originários do Hunsrück ou que falavam Hunsrückisch na comunicação diária, senão que as cartas de algum modo nos fornecem subsídios para uma reconstituição da história do Hunsrückisch, porque foram escritas nesse contexto.” (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 9)

Um aspecto que, entretanto, é preciso relevar é que os escreventes dessas cartas provêm de um contexto multilíngue, que envolve variantes de alemão e português em contato no Brasil. Destas cartas, 56 são escritas em alemão, 14 em português, e duas alternam português e alemão. Vale observar que, mesmo quando consideradas escritas “apenas” em português ou alemão, grande parte das cartas contém elementos ou influências da língua de contato. As 82 cartas estão divididas em quatro períodos históricos:

a) *Antes de 1824: precedentes da escrituralidade no Hunsrück*

Conta com uma seleção de 10 cartas escritas antes do início da migração alemã para o Brasil, por alemães que atuavam como soldados do exército francês no período napoleônico, portanto em contato com outra língua românica, porém diferente do português.

b) *1824-1890: primeiras gerações no Brasil, novas gerações da Alemanha*

Conta com uma seleção de 14 cartas do período do início da imigração até a Proclamação da República no Brasil. Tem como pano de fundo o primeiro contato com a nova terra. A troca de cartas dá-se entre Brasil e Alemanha.

c) *1890-1940: pontes de papel em terras brasílicas*

Conta com uma seleção de 46 cartas, escritas após a Proclamação da República no Brasil, até a Segunda Guerra Mundial. São cartas escritas especialmente entre imigrantes, ou seja, escrevente e destinatário já instalados no Brasil.

d) *Pós 1940: entre perdas e sobrevivências*

Conta com uma seleção de 12 cartas a partir da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a proibição da língua alemã no Brasil. Apesar de não se tratar de um período muito produtivo de escrita em alemão, chama atenção que essa produção não tenha cessado. Assim como o período inicial entre 1824-1850, futuros levantamentos deverão ampliar a base de dados desse período para ter mais clareza da situação e uso do alemão em meio escrito.

3.2.1 Foco na forma: exigências no tratamento dos dados

Para a realização de uma pesquisa linguística com base em cartas privadas, é essencial que o pesquisador tenha acesso à escrita exatamente tal como ela foi realizada. O ideal é que tenha acesso ao documento físico original. Como nem sempre isso é possível, a alternativa satisfatória é uma cópia digitalizada da carta original. Conforme se viu até aqui, é necessário fazer a transliteração da carta, para otimizar a análise dos dados e garantir uma base sólida. Para fins de estudos linguísticos, a transliteração precisa ser fiel à escrita da carta em papel, alterando-se apenas a forma manuscrita para a digitada. Esta é denominada “transliteração diplomática, como se chama o tipo de transcrição que respeita fielmente a grafia original das cartas. Isso inclui, além de aspectos tipográficos, também a indicação das linhas e da quebra de páginas, conforme o original” (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 11). A grafia original precisa ser respeitada, sem qualquer atualização ou correção gramatical ou ortográfica. Até mesmo rasuras ou danos físicos no papel que causem lacunas precisam ser indicados na transliteração. A transliteração fiel permite que o pesquisador tenha acesso à escrita tal qual ela foi produzida, permitindo estudos sobre a variedade linguística, a matriz de origem, a escolaridade, e a fala do escrevente. Exemplificando, a carta abaixo, transcrita para fins de estudos históricos, poderia ter a grafia alterada para a norma ortográfica padrão. Neste caso, perderia marcas essenciais para os estudos linguísticos – e também históricos –, pois o uso de determinada grafia ou variante revela aspectos do perfil social do escrevente que igualmente

interessam ao historiador. Isso vale, no exemplo, especialmente para a não distinção entre consoantes plosivas surdas e sonoras, característica de muitos falantes do alemão, no uso do português, e de um provável acesso restrito à escola e norma padrão do português.

eu vou indo bem
 por enquanto e de serviso **dampem** estou
 satisfeito tenho tido **pastante**
 (carta de 1897, p. 184)

3.2.2 Identificando variáveis para estudos diacrônicos do alemão e português em contato

A partir da leitura das cartas já transliteradas e publicadas por Altenhofen; Steffen e Thun (2018) e a partir do inventário do Hunsrückisch no Brasil, de Altenhofen; Morello et al. (2018), somando além disso uma série de Teses e Dissertações elaboradas nos últimos 30 anos, tem-se já uma base bastante sólida para o estudo do contato entre as variedades de alemão, assim como também do contato entre alemão e português. Uma análise parcial das cartas privadas publicadas, permite identificar variáveis relevantes nos diferentes níveis de descrição linguística, englobando a variação fonética refletida na grafia, escolhas lexicais, sintaxe, alternância de código, marcadores discursivos e marcas dialetais diversas. A lista que apresentamos a seguir não pretende ser de modo algum exaustiva, mas pode ser muito útil para jogar luz sobre as demandas e tarefas por realizar no campo da pesquisa linguística diacrônica. Os exemplos apresentados são recortes extraídos das cartas publicadas em Altenhofen; Steffen; Thun (2018). Marcações em negrito foram feitas por mim, com o propósito de destacar o elemento em questão.

a) Empréstimos linguísticos do português no alemão

Como são incorporados, como se comporta, em termos quantitativos, a apropriação de empréstimos do português, no eixo da diacronia do contato linguístico de quase 200 anos?

Uma análise preliminar permite observar a ocorrência já bem cedo de empréstimos do português que designam relações pessoais ou familiares. Palavras como *Nêne* ('nenê, bebê'), *comadre*, *primo(a)*, *namorado(a)*, chamam a atenção por ocorrerem com frequência. Além disso, encontram-se também designações para novas tecnologias inexistentes ou muito recentes na época em que emigraram (como *cinema*, por exemplo), assim como lexemas ligados ao ambiente local, inexistentes no ambiente de origem.

der kauft sich eine koloni weit im waldt an der
Rio der kann seine
 Bonen **Milgen** gut auf der fort trantzporttieren dann die **Rio** wird
 mit der
Kanoen gefahren.
 (carta de 1856, p. 99)

der Hauptstadt des **Munizipiums** (Kreis)
 (carta de 1889, p. 163)

Unsre gesellschaft ist nicht
 mehr vie sonst! Denn es giebt
 kein **Cinema** meha u keine
 Bälle.
 (carta de 1919, p. 200)

Ich verblaibe Euger draier Sohn Bruder
 Schwager **Sobriño** und **Primo**
 (carta de 1866, p. 200)

b) Formas do plural de determinados substantivos (originais) e empréstimos

No exemplo abaixo, a formação de plural é a regular do português. Em outros casos, se adequa seu plural à forma da língua receptora.

Miljos (milho)
 (carta de 1889, p. 133)

c) Variação no gênero gramatical dos empréstimos

seine Produkte **zur Venda** (Geschäftshaus) bringen
 (carta de 1889, p. 164)

No exemplo acima, mantém-se o gênero feminino do pt. *a venda*, daí a declinação para *Zur Venda*, apesar do gênero neutro do al. *Geschäftshaus*.

d) Dessonorização de consoantes plosivas sonoras [g] → [k], [d] → [t] e [b] → [p]

No exemplo a seguir, a dessonorização ocorre na grafia de canhou em lugar de *ganhou*. No caso da grafia de pt. *mandimento*, parece haver hipercorreção:

O Damião quer ir buscar mantimento porque aqui
 está muito caro, já [apagado:] gastou (?) muito mais da metade
 do dino que canhou
 (carta de 1893, p. 174)

O que é ruim é o mandimento é muito escasso
 e caro,
 (carta de 1898, p. 188)

A Josephina também está morando com nos, porque o Henrique está no ac[am=]pamento.
(carta de 1898, p. 188)

e) Marcas de oralidade/dialetalidade no *corpus* escrito

Há, sobretudo no léxico e na gramática, construções tipicamente usadas no Hunsrückisch, como por exemplo o uso do verbo al., *haben* com a forma dialetal hrs. *honn* com o participio do hrs. *gesiehn* em lugar da norma escrita al. *gesehen*. O mesmo vale para variantes lexicais tipicamente da fala, como a forma bastante comum do hrs. *Dokter* em lugar do al. *Arzt* ‘médico’.

ich **hons** an ihre Worte **gesin**
(carta de 1873, p. 146)

vom **dokter** ein **knoche** vom kopfe
(carta de 1911, p. 193)

Nessa variável que engloba marcas de dialetalidade, encontram-se várias outras variáveis que, por sua importância e recorrência nas cartas, merecem estudos em particular. Seguem algumas mais comuns.

f) Marcas de dialetalidade: orações relativas com uso de *wo*

die Familie von dem Haus **wo** wir drin gewohnt
(carta de 1939, p. 284)

g) Marcas de dialetalidade: uso de *tun* perifrástico

O uso de *tun* perifrástico é recorrente no Hunsrückisch e se transfere em certa medida para as cartas. Serve também, para expressar o gerúndio do português:

wen Ier schraibe **Tut**
(carta de 1865, p. 125)

an Geld **thut** es mir auch nicht fälen
(carta de 1867, p. 137)

h) Marcas de dialetalidade: uso de dativos possessivos

dem schneider karel **sein** frau
(carta de 1842, p. 92)

i) Fricatização de /g/

É comum a ocorrência de alternância ou não-distinção entre <g> e <ch>, como no exemplo a seguir na grafia do al. *vorläufig* ‘por enquanto’:

Ich habe vorlauf**ch** habe ich einer.
(carta de 1915, p. 197)

j) Alternância de código

Conforme tratado em 1.3 a), é recorrente que em uma carta escrita em alemão, a data seja escrita em português. Em que medida e proporção ocorrem casos de alternância de código (ou *code switching*), ao nível da frase, é uma variável importante para compreender como se deu a influência do português e do bilinguismo, na história do contato alemão-português.

Rolante dia 28-5-39
Liebe Mutter und Geschwiester!
Nun ist es schon wieder ein Monat
her das ich euch verlassen hab, (carta de 1939, p. 282)

k) Transferência de marcadores discursivos e pragmáticos

Quase como um recorte em meio às diferentes formas de *code switching*, tem-se no uso de marcadores discursivos um tipo particular de influência do português, como em (1) ou do *Hunsrückisch*, como em (2). Expressões desse tipo são comuns em cartas escritas em alemão:

und am
anderen Sonntag giebt es den wieder im Schützenhauss
Ball, ob ich da über all hingehe weiss ich nicht, das ist zu viel alle acht
Tage, **não é!!!!**
(carta de 1925, p. 246)

(2)
für heute möchte ich schließen ein
anderes mahl schreibe ich dir mehr **gell?**
(carta de 1926, p. 257)

l) Expressões idiomáticas

Um exemplo, para ilustrar esta variável é dado pela tradução literal da expressão “comer mosca” para “**Moscas essen müssen**”.

liebe Elvira du hast ja garnichts geschrieben, **hat** der Edgar
zimlich **Moscas müssen essen?**
(carta de 1926, p. 253)

m) Marcas grafemáticas características dominantes nos diferentes períodos

Um exemplo que chama atenção é a grafia de <th> em lugar de <t>, como no verbo *thun*

vs. *tun*:

ich mus
 euch zu wissen **thun** wie es uns geht
 (carta de 1856, p. 95)

Jetzt will ich euch zu wissen **thun** das wir
 am 3ten Sebtember de 1866 die Festung
 Curucu eingenhomen haben
 (carta de 1867, p. 135)

So wil ich Euch noch mal
 zu wissen **Tun** das ich Euren Brüf Fom 11 di
 ses Monads erhalten habe
 (carta de 1865, p. 123)

Und wer seine Pflicht
 nicht recht kan
 n **tun** das ist auch keine Sinde.
 (carta de 1911, p. 192)

As possíveis variáveis acima listadas, como já anteriormente afirmado, não pretendem se exaustivas, são apenas um exemplo da vasta gama de variáveis que se abre para um estudo diacrônico do alemão e português em contato no âmbito uma pesquisa linguística a partir da análise de cartas privadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos capítulos anteriores, defendemos o uso das cartas privadas como uma fonte de dados para a pesquisa linguística diacrônica, tendo em vista sua proximidade com características da oralidade, fundamentadas com a análise da dimensão diamésica proposta por Koch e Oesterreicher (1985) e Marcuschi (2010). Vale lembrar, nesse sentido, que cartas manuscritas e fala são formas de expressão distintas, e que este fato precisa ser levado em consideração durante uma análise comparativa entre tipos de dados diferentes. Porém, ainda assim, as cartas privadas constituem a fonte mais próxima disponível, para fornecer indícios sobre a fala de períodos passados, dos quais não temos registros de áudio dos falantes.

Embora as cartas privadas constituam uma fonte bastante abundante, o acesso ao original e a qualidade de transliteração dos dados, somados à sua organização e identificação, dificultam em parte seu uso como fonte de dado para a pesquisa linguística. A organização, transliteração e tratamento específicos, tendo em vista esse propósito, que permita acesso à escrita original do escrevente, tal qual ele a produziu, sem qualquer tipo de alteração, é fundamental.

Como apenas parte do acervo de cartas privadas do Alma Histórico foi transliterada, confirmou-se a demanda de transliteração de um maior número de cartas deste acervo, a fim de disponibilizar uma quantidade de dados mais representativa para fins de pesquisas linguísticas. É relevante também ampliar a lista de possíveis variáveis traçando caminhos para pesquisas futuras do macroprojeto ALMA.

A partir do estudo aqui apresentado, fica evidente a necessidade de 1) conhecer as características que envolvem esse tipo de dado, bem como 2) os problemas que é preciso contornar. 3) Avaliar e identificar o método de análise mais adequado para a análise das variáveis, já que serão comparados tipos de dados diferentes e nem sempre a mostra de dados será representativa. Essa compreensão associada a uma base teórica adequada, é de grande relevância para prosseguir a pesquisa a nível de Mestrado. O mesmo vale para a percepção do conjunto de variáveis que as cartas privadas apontam para análises em futuros estudos linguísticos. Além disso, há a necessidade de aprofundar em estudos que cruzem dados históricos e linguísticos e comprovem relações entre escrita, variedade linguística, língua e letramento com a história da escolaridade e da imprensa no Brasil, no contexto da imigração alemã. Perguntas sobre o nível de escolaridade e o acesso a materiais impressos que os

imigrantes tinham ainda na Alemanha antes de emigrarem, bem como sobre a continuidade dessas práticas linguísticas e sociais que envolvem a escrita e a leitura, podem se beneficiar consideravelmente com o estudo de cartas manuscritas de imigrantes e seus descendentes em contato com o português, no novo meio. Este trabalho de conclusão de curso representa, nesse sentido, apenas o começo de uma longa jornada.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N. (Hg.). German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung. Göttingen: V & R unipress; Vienna University Press, 2016. p. 103-130.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (Eds.). Förderung der deutschen Sprache weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte. Berlin, Boston: De Gruyter, 2019. p. 531-551. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110479232-033>.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Variação e mudança da língua de imigração alemão “na outra terra natal”: o papel das migrações na configuração e no uso do Hunsrückisch. In: DOLL, Johannes; SOUZA, Draiton Gonzaga de (orgs.). Porto Alegre: CDEA, [2023, No Prelo].
- ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela et al. Hunsrückisch: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194384>. Acesso em ago. 2023.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim. Introdução: cartas de imigrantes como fonte de pesquisa linguística. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 13-30.
- BIEHL, João & MÜGGE, Miquéias. Escritos perdidos: vida e obra de um imigrante insurgente – Johann Georg Klein (1822-1915). São Leopoldo: Oikos, 2022.
- BIEHL, João & MÜGGE, Miquéias. Verlorene Schriften: Leben und Werk eines rebellischen Einwanderers – Johann Georg Klein (1822-1915). São Leopoldo: Oikos, 2022.
- BRAUN, Manfred. Deutsche Schreibschrift: Kurrent und Sütterlin lesen lernen. Munique: Knauer, 2015.
- CAMPE, G.W. Campe’s Briefsteller oder Anweisung: Briefe und Geschäftsaufsätze aller Art nach den besten Regeln der Orthographie und des guten Styls schreiben und einrichten zu lernen mit 230 Briefmustern zu Freundschafts-, Erinnerungs-, Bitt-, Empfehlungs-, Glückwunsch- und Beileidschreiben, wie auch Liebesbriefe, Antrags-, Bestellungen- und Handlungsbriefe, nebst 100 Formularen zu Eingaben, Gesuchen und Klageschriften an Behörden, Kauf-, Mieth-, Pacht-, Bau-, Lehrcontracten, Vollmachten und Wechselln. 29. durch L. Fort verbess. Aufl. Quedlinburg; Leipzig: Verlag der Ernst’schen Buchhandlung, 1884.
- COSERIU, Eugenio. “Historische Sprache” und “Dialekt”. In: GÖSCHEL, Joachim; IVIĆ, Pavle & KEHR, Kurt (Hrsg.). Dialekt und Dialektologie: Ergebnisse des Internationalen Symposiums „Zur Theorie des Dialekts“ (Marburg/Lahn, 05.-10. Sept. 1977). Wiesbaden: Franz Steiner, 1980. p. 106-122. (Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik; Heft 26.)

COSERIU, Eugenio. "Língua histórica" e "dialeto". Trad. Carolina Falck Grimm. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n.40, p.9-27, jan/jun 2017. [1980] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87178/50002>.

DREHER, Martin N. Breve história do ensino privado gaúcho. São Leopoldo: Oikos, 2008.

DREHER, Martin N. 190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças. 2.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014a.

DREHER, Martin N. Lenda e fatos na instituição do Kerb de São Miguel dos Dois Irmãos. In: RAMOS, Eloisa H. Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel C. & WITT, Marcos A. (orgs.). Festas, comemorações e rememorações na imigração. São Leopoldo: Oikos, 2014b. p. 366-384.

DÜRSCHIED, Christa. Einführung in die Schriftlinguistik. 5. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2016.

GERTZ, René. Imprensa e imigração alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 100-122.

KERSTING, Eduardo. A imprensa em língua alemã no Acervo Benno Mentz. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio e TRAMONTINI, Marcos Justo (orgs.). Imigração e imprensa: XV Simpósio de História da Imigração e Colonização. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 157-162.

KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez - linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua / Language of immediacy - language of distance: orality and literacy from the perspective of language theory and linguistic history. In: Linha d'Água, n. 26 (1), p. 153-174, 2013. (Trad. Hudinilson Urbano e Raoni Caldas)

KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. In: Romanistisches Jahrbuch, n. 36, Berlin; New York: de Gruyter, 1985, p. 15-43.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.

PEITZ, Christiane. „Die andere Heimat“ - Regisseur Edgar Reitz: „Wer lesen konnte, wollte weg“. In: Tagesspiegel, Kultur, 30.09.2013. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/kultur/regisseur-edgar-reitz-wer-lesen-konnte-wollte-weg-3521992.html>. Acesso em 28.08.2023.

SANT'ANA, Elma. Minha amada Maria: Cartas dos Mucker. Canoas: Ed. ULBRA, 2004.

SCHNEIDER, Edgar W. Investigating historical variation and change in written documents: new perspectives. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). The handbook of language variation and change. 2.ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 57-82.

STOLTZ, Roger. Cartas de imigrantes. Porto Alegre, EST, 1997.

THUN, Harald & WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napeolônico (1805-1813). In: ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 31-78.

TRESPACH, Rodrigo. O lavrador e o sapateiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

WIESINGER, Peter. Die Einteilung der deutschen Dialekte. In: BESCH, Werner et al. (Hrsg.) Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung. 2. Halbbd. Berlin; New York: de Gruyter, 1983.